



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA  
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA

VALNEI CARDOSO DE JESUS

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DAS VARIANTES DA LATERAL  
PALATAL /ʎ/ NO PORTUGUÊS FALADO PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA  
ALTO ALEGRE-BA**

Amargosa – BA  
2019

VALNEI CARDOSO DE JESUS

**UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DAS VARIANTES DA LATERAL  
PALATAL /ʎ/ NO PORTUGUÊS FALADO PELA COMUNIDADE QUILOMBOLA  
ALTO ALEGRE-BA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como  
requisito parcial para obtenção de grau em  
licenciatura em Letras: Língua  
Portuguesa/Libras/Língua Inglesa.

Orientadora: Adriana Dalla Vecchia  
Coorientadores: Gredson dos Santos  
Jailma da Guarda Almeida

Amargosa – BA  
2019

## AGRADECIMENTOS

A Deus, nome maior, por me ajudar em todos os instantes de minha vida; dando-me força e coragem para enfrentar os empecilhos encontrados durante essa caminhada. Sem Ele, jamais teria chegado até aqui; jamais teria alçado voos tão altos e profícuos.

À minha mãe, Maria Ana, mais conhecida como Dona Lia, que sempre fez de tudo para me manter firme e esperançoso nessa caminhada; deu-me de tudo que estava ao seu alcance, incentivando-me a estudar, mesmo ela não tendo escolaridade. Obrigado, minha heroína!

Ao meu pai, Antônio, conhecido como Toim de Chiquinha, por me ajudar em toda etapa de minha vida, transmitindo apoio e confiança para que eu não desistisse dessa caminhada. Obrigado, meu herói!

Aos meus oito irmãos (Mô, Rene, Besouro, Dica, Val, Cal, Pinta e Zé), e minhas duas irmãs (Dene e Nice), que durante esse tempo foram compreensíveis e incentivadores para que eu nunca desistisse.

À minha tia Nai, professora, que sempre foi uma referência para mim; sendo uma fonte de inspiração para que eu seguisse adiante com os estudos. Também sou grato pela presença dela em minha vida.

À minha querida e amada Kelly, que além de namorada, é uma grande amiga. Obrigado por estar comigo nos momentos fáceis e difíceis dessa etapa; por me encorajar sempre com suas palavras sábias e confortáveis.

À minha orientadora Adriana Dalla Vecchia, por me orientar nessa árdua e necessária etapa de minha vida, com sabedoria, dedicação e paciência; por ter acreditado nesta pesquisa desde o primeiro dia que aceitou o tão responsável convite. Indubitavelmente, eu não teria conseguido sem seu apoio e seu compromisso. Sou muito grato a ela por contribuir, significativamente, nesse processo.

Ao meu coorientador Gredson dos Santos que além de me orientar, no início dessa etapa, tornou-se um amigo que sempre me transmitiu sentimento de confiança e determinação para ir além.

À minha coorientadora Jailma Almeida por ter aceitado meu convite sem hesitar e, sobretudo, por me ajudar consideravelmente nesse processo com seus riquíssimos conhecimentos. Sou grato a ela pela paciência e dedicação depositadas durante esse percurso.

Aos meus professores do curso de Letras que souberam compartilhar conhecimentos com amor, dedicação e carisma durante minha graduação, contribuindo com meu processo formativo; em especial a Fernanda, Ângela, Margarete, Ayane e Adielson.

À minha professora e coordenadora do curso de Letras, Jaqueline Lé, por ser tão responsável e dedicada naquilo que faz; se prontificando sempre para resolver as demandas a ela dirigidas.

Aos meus colegas de turma que durante esse percurso compartilharam comigo muitos sentimentos e experiências. Obrigado a cada um que além de colegas se tornaram bons amigos.

Aos meus amigos conterrâneos que conheci no início da graduação, Emerson e Erlandson, pela sincera amizade e pela boa convivência que tivemos durante esse período.

Enfim, a todos aqueles que me ajudaram direto e indiretamente a alcançar meus objetivos, contribuindo para que eu concluísse essa importante etapa de minha vida. Meu muito obrigado a todos!

JESUS, Valnei Cardoso de. **Uma análise sociolinguística das variantes da lateral palatal /ʎ/ no português falado pela comunidade quilombola Alto Alegre-BA.** 76 f. il. 2019. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-BA, 2019.

## RESUMO

O presente trabalho está fundamentado pelos princípios teóricos da Sociolinguística Variacionista e teve como principal objetivo analisar os fatores de natureza linguística e social que condicionam as variantes da lateral palatal /ʎ/ no português brasileiro falado pela comunidade de Alto Alegre-BA. A comunidade está localizada no município de Presidente Tancredo Neves, a 263 quilômetros de Salvador, certificada em 2008 pela fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo. Os dados analisados são do projeto de pesquisa A variação em coda silábica no português quilombola da comunidade Alto Alegre: análise sociolinguística, coordenado pelo professor Dr. Gredson dos Santos. Essa amostra constitui-se de 600 ocorrências de /ʎ/, extraídas da fala informal de seis homens e seis mulheres, sem escolarização, naturais da comunidade de Alto Alegre, escolhidos de maneira aleatória, considerando três faixas etárias: faixa I (20 a 40 anos), faixa II (41 a 60 anos) e faixa III (acima de 60 anos). Para análise dos dados, utilizou-se o programa computacional do GoldVarb X. Os resultados mostram que a comunidade utiliza a manutenção da lateral palatal (53,2%) como a variante socialmente prestigiada, porém se constatou que as variantes estigmatizadas [y], [l] e [ø] apresentam um número significativo de ocorrências, sobretudo a variante [y], a qual resulta no fenômeno de iotização.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Lateral Palatal. Português quilombola.

## **ABSTRACT**

The present work is based on the theoretical principles of Variationist Sociolinguistics. Its main objective was to analyze the factors of linguistic and social nature that condition variants of the lateral palatal /  $\lambda$  / in Brazilian Portuguese spoken by the Alto Alegre-BA community. The community is located in the town of Presidente Tancredo Neves, 263 kilometers from Salvador, certified in 2008 by the Palmares Cultural Foundation as a remnant of quilombo. The data analyzed are from the research project *A variação em coda silábica no português quilombola da comunidade Alto Alegre: análise sociolinguística*, coordinated by professor Dr. Gredson dos Santos. This sample consists of 600 occurrences of /  $\lambda$  /, extracted from the informal speech of six men and six non-schooling women, from the community of Alto Alegre, randomly chosen, considering three age groups: range I (20 to 40 years), range II (40 to 60 years) and range III (above 60 years). Data were analyzed using GoldVarb X's computer program. The results showed that the community uses the maintenance of the palatal side (53.2%) as the socially prestigious variant, but it was found that the stigmatized variants [y] [1] and [ø] present a significant number of occurrences, especially the variant [y], which results in the phenomenon of iotization.

**Keywords:** Variationist sociolinguistics. Palatal Lateral. Quilombola Portuguese.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 LÍNGUA E SOCIEDADE: A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA</b> .....	14
2.1 AS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE	14
2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA: BREVE HISTÓRICO .....	18
2.2.1 Conceitos Básicos da Análise Sociolinguística .....	22
2.2.1.1 <i>Variação linguística</i> .....	22
2.2.1.2 <i>O vernáculo</i> .....	26
2.2.1.3 <i>Variável e variante</i> .....	28
2.2.1.4 <i>Tipos e níveis em que ocorre a variação</i> .....	30
<b>3 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO</b> .....	36
3.1 BREVE HISTÓRICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	36
3.1.1 A norma culta e a norma popular .....	39
3.1.2 A norma-padrão .....	41
3.2 ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DE / $\lambda$ / NO PORTUGUÊS BRASILEIRO... 43	
3.2.1 O fonema / $\lambda$ /: realizações fonéticas, descrição e a sua comprovação na fala popular paranaense .....	43
3.2.2 Um estudo variacionista sobre a lateral palatal .....	44
3.2.3 O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte.....	45
3.2.4 Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG.....	47
3.2.5 A despalatalização de / $\lambda$ / no falar teresinense: uma análise sociolinguística	49
3.2.6 Variação na lateral palatal em falantes alagoanos: despalatalização e semivocalização .....	50
<b>4 A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DO FONEMA /<math>\lambda</math>/ NA COMUNIDADE QUILOMBOLA ALTO ALEGRE</b> .....	52
4.1 METODOLOGIA .....	52
4.1.1 O <i>corpus</i> .....	52
4.1.2 As variantes no <i>corpus</i> .....	53
4.2 A IOTIZAÇÃO DE / $\lambda$ / NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE-BA .....	54

4.3 A DESPALATALIZAÇÃO DE /ʎ/ NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE-BA.....	59
4.4 O APAGAMENTO DE /ʎ/ NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE-BA.....	62
4.5 MANUTENÇÃO DA LATERAL PALATAL/ ʎ / NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE-BA.....	64
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição das variantes de /κ/ no <i>corpus</i>	53
Tabela 2- A iotização de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à extensão do vocábulo</i>	55
Tabela 3- A iotização de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à característica da vogal antecedente</i>	56
Tabela 4- A iotização de / κ / em Alto Alegre-BA <i>quanto à característica da vogal seguinte</i>	57
Tabela 5- A iotização de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à faixa etária</i>	57
Tabela 6 A iotização de /κ/ em Alto Alegre-Ba <i>quanto ao sexo do informante</i>	58
Tabela 7 A despalatalização de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à classificação morfológica</i>	59
Tabela 8 A despalatalização de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à característica da vogal antecedente</i>	60
Tabela 9- A despalatalização de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à característica da vogal seguinte</i>	61
Tabela 10- O apagamento de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à extensão do vocábulo</i>	62
Tabela 11- O apagamento de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à classificação morfológica</i>	62
Tabela 12- O apagamento de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à tonicidade da sílaba</i>	63
Tabela 13- O apagamento de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à característica da vogal antecedente</i>	63
Tabela 14- O apagamento de / κ / em Alto Alegre-BA <i>quanto à característica da vogal seguinte</i>	64
Tabela 15- A manutenção de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à extensão do vocábulo</i>	65
Tabela 16- A manutenção de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à tonicidade da sílaba</i>	65
Tabela 17- A manutenção de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à característica da vogal antecedente</i>	66
Tabela 18- A manutenção de / κ / em Alto Alegre-BA <i>quanto à característica da vogal seguinte</i>	66
Tabela 19- A manutenção de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto ao sexo do informante</i>	67
Tabela 20- A manutenção de /κ/ em Alto Alegre-BA <i>quanto à faixa etária</i>	67

*“O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.”*

*(William Labov)*

## 1 INTRODUÇÃO

A Sociolinguística Variacionista, formulada por William Labov (1972), é uma subárea da Linguística que estuda a língua do ponto de vista social, compreendendo que o sistema linguístico é variável e sistemático, pois se entende que há uma correlação entre fatores internos e externos que condicionam uma forma variável em substituição à outra, o que inevitavelmente permite a variação. Dessa forma, a língua e a sociedade se configuram como entidades indissociáveis, de modo que uma influencia a outra, transformando-se e modificando-se mutuamente.

Nesse sentido, este trabalho propõe-se a analisar as variantes da lateral palatal /ʎ/ realizadas pelos falantes da comunidade quilombola de Alto Alegre-BA, situada no município de Presidente Tancredo Neves, a 263 quilômetros da capital baiana. Os dados analisados aqui foram extraídos do Projeto de pesquisa *A variação em coda silábica no português quilombola da comunidade Alto Alegre: análise sociolinguística*, coordenado pelo professor Dr. Gredson dos Santos, durante sua atuação como servidor docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Segundo Silva (2017), o segmento consonantal /ʎ/, representado ortograficamente pelas letras *lh*, é caracterizado como uma lateral palatal vozeada, cuja articulação ocorre quando a parte média da língua se levanta em direção ao palato duro (a região central da língua quase toca o céu da boca) e a ponta da língua encontra-se abaixada próxima aos dentes frontais inferiores. Por se tratar de uma *lateral*, o articulador ativo (parte média da língua) toca o articulador passivo (palato duro) e a corrente de ar é obstruída no trato vocal, e o ar é liberado por ambos os lados, tendo então uma saída pelas laterais.

As variantes da lateral /ʎ/ consideradas neste trabalho foram: [y<sup>1</sup>] iotização (*folha ~ foya*), [l] despalatalização (*mulher ~ mulê*) e [ø] apagamento (*vermelha ~ vermea*), cujas realizações caracterizam o processo de variação linguística na comunidade de fala, resultante de fatores sociais e linguísticos. Nesse sentido, considerar-se-á que “uma variável linguística é o ponto onde se igualam pelo menos duas formas da língua, denominadas de variantes – duas maneiras diferentes de dizer a “mesma coisa” (LABOV, 2008, p. 48). Isso implica dizer que não há uma forma certa e outra errada ou uma mais bonita que a outra; há apenas variantes intercambiáveis que podem ser usadas em contextos variados (formais e informais).

---

<sup>1</sup> Alguns autores utilizam o símbolo [j] para representar o glide correspondente do processo de iotização, também conhecido como vocalização. Neste trabalho optou-se por usar a semivogal [y] para indicar esse processo.

O presente estudo, por se focar na fala de uma comunidade quilombola, analisa os fatores de natureza linguística e extralinguística que condicionam as variantes da lateral palatal /ʎ/ no processo de variação. Assim, os principais objetivos do trabalho se pautam em: i) analisar as variáveis da lateral palatal /ʎ/ no português falado na comunidade quilombola de Alto Alegre; ii) verificar se os fenômenos de iotização e despalatalização apresentam números expressivos comparados a realização da lateral palatal; iii) investigar quais fatores linguísticos e sociais influenciam a realização das variáveis da lateral palatal /ʎ/ na comunidade de Alto Alegre; iv) observar quais fatores sociais e linguísticos influenciam no uso da lateral palatal /ʎ/ v) contribuir para aumentar a base de dados sobre o estudo de /ʎ/ em comunidades quilombolas.

Para a realização deste estudo, foram estudadas 600 ocorrências da variante /ʎ/ distribuídas entre as quatro variáveis já mencionadas anteriormente. Os áudios das entrevistas gravadas foram transcritos, codificados e rodados no programa GoldVarb X que selecionou a melhor rodada de cada fenômeno, a qual foi submetida para análise e discussão. O estudo utilizou a metodologia de análise quantitativa, baseando-se na Teoria Laboviana; observando, portanto, o comportamento linguístico de falantes quanto aos fatores condicionadores internos (estruturais), como *extensão do vocábulo*, *classificação morfológica*, *tonicidade da sílaba*, *ambiente em que aparece a vogal*, e aos fatores condicionadores externos (sociais), como *faixa etária* e *sexo*. Esses fatores, como afirma Labov (1972), agem tanto internamente quanto externamente permitindo entender que a língua é um produto inacabado, mutável e social, que os sujeitos a utilizam de modo sistemático e variável conferindo, assim, a heterogeneidade do sistema linguístico.

As hipóteses levantadas neste trabalho dizem respeito a: 1) Os aspectos sociais e históricos da comunidade de Alto Alegre refletem no processo de iotização e despalatalização da lateral palatal; 2) Os falantes pertencentes à *faixa etária III* tendem a realizar o apagamento de /ʎ/, enquanto os da *faixa etária I* tendem a mantê-lo; 3) As mulheres tendem a conservar mais as variáveis socialmente prestigiadas; 4) A sílaba átona, pela sua natureza de enfraquecimento, favorece os fenômenos de iotização, despalatalização e apagamento da lateral palatal; 5) A vogal alta [i], no contexto precedente à palatal, influencia no processo de iotização.

O trabalho divide-se da seguinte maneira: o primeiro capítulo, intitulado *Língua e Sociedade: a perspectiva da sociolinguística*, discute as relações que se estabelecem entre a língua e a sociedade, como entidades indissociáveis; bem como aborda um pouco sobre a

história da sociolinguística e seu objeto de estudo, a língua falada. O segundo capítulo *A Formação do Português Brasileiro* discorre sobre a construção histórica do português brasileiro, considerando o período colonial e escravocrata e apresenta os trabalhos realizados acerca das variantes da lateral palatal /ʎ/. O penúltimo capítulo *A realização variável do fonema /ʎ/ na comunidade quilombola de Alto Alegre* mostra os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e apresenta os resultados da análise estatística computacional feita pelo programa GOLDVARB X sobre as variantes da lateral palatal /ʎ/ na comunidade em estudo. Por fim, no último capítulo, são apresentadas as *considerações finais* acerca dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa.

## 2 LÍNGUA E SOCIEDADE: A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA

Este capítulo aborda a relação existente entre a língua que falamos e a sociedade onde vivemos, bem como apresenta um breve histórico sobre a Sociolinguística, seu objeto de estudo e o tratamento dado à variação linguística na perspectiva laboviana. Essa discussão contribui para o entendimento dos dados analisados adiante, pois demonstra que a variação não é aleatória, mas sim sistemática; isso comprova a correlação entre aspectos estruturais e aspectos sociais. Por exemplo, o que leva um falante a realizar a forma *fia* em detrimento da forma *filha* pode estar relacionado com fatores de ordem linguística e/ou de ordem extralinguística; isso quer dizer que a língua se constitui como um sistema heterogêneo.

### 2.1 AS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE

Nesta seção, é abordada a relação que se estabelece entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos, embasado nos pressupostos sociolinguísticos, de modo a esclarecer que ambas estão entrelaçadas, influenciando-se mutuamente. Afinal a língua é um fator social que passa pelo processo de desconstrução e reconstrução em paralelo ao desenvolvimento histórico e social da sociedade.

A língua sempre fez parte da sociedade; o homem cresce e se desenvolve tendo contato com os signos linguísticos e é por meio desses signos que o ser humano se torna capaz de produzir conhecimentos e refletir sobre si mesmo e sobre todas as coisas do mundo. Pode-se dizer que a língua está diretamente atrelada à sociedade, sob forças naturais e inevitáveis. Segundo Bagno (2007, p. 38), “língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra”. Assim, de acordo com a vertente sociolinguística, o estudo da língua se dá vinculado aos aspectos da sociedade em que ela está inserida, de modo a permitir uma visão ampla sobre a realidade social e linguística dos indivíduos. Isso porque a língua é construção coletiva.

Nesse sentido, para a Sociolinguística, língua e sociedade estão lado a lado, uma acompanhando a outra, numa concordância perfeita e legítima dada pelas inúmeras relações entre os mais diversificados sujeitos dentro de uma comunidade linguística. Sem dúvida, essa relação nos permite compreender a língua do ponto de vista sociolinguístico, de modo que as transformações da sociedade implicam numa mudança de uso do sistema linguístico, dado que não é possível considerar a língua como uma coisa acabada, invariável e singular.

Desse modo, observa-se, então, que temos nas sociedades complexas e letradas uma realidade linguística amplamente diversificada, dentro de uma pluralidade heterogênea, nunca homogênea, como aponta Bagno (2007):

assim, o que temos nas sociedades complexas e letradas é uma realidade linguística composta por dois grandes polos: (1) a variação linguística, isto é, a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade e (2) a norma- padrão, produto cultural, modelo artificial de língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes (BAGNO, 2007, p. 38).

Destarte, a língua se constrói com o decorrer das interações sociais que se dão em sociedades; diferentes pessoas falam a mesma língua, e entre essas pessoas há pequenos e grandes grupos com suas especificidades, com seus dialetos e seus estilos de fala próprios da comunidade linguística em que esses sujeitos estão inseridos.

Assim, a língua acompanha as transformações das sociedades em seus mais diferentes contextos, uma não está isolada da outra, nem se transforma sozinha, visto que é a partir das vivências em comunidades, das relações entre os sujeitos, das inúmeras manifestações artísticas e culturais que desenvolvemos o contato com a língua, modificando-a a cada uso que fazemos dela. Isso justifica porque ela nunca está pronta, como afirma Coseriu (1979):

a língua nunca está pronta. Ela é sempre algo por refazer. À cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Desta forma, ela está sujeita a alterações nessa recriação. Por outro lado, depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer. (COSERIU, 1979, *apud* FIORIN, 2002, p. 150).

Dessa maneira, o fenômeno linguístico é bastante complexo e envolve diversos fatores em seu processo de realização, por isso não é algo pronto que o falante internaliza ao longo de sua vivência, mas é aquilo que se constrói em conjunto e em conformidade com o meio pelo qual se está inserido. Dessa forma, a fala de cada indivíduo é algo intrínseco ao ser humano, como nos aponta Meillet:

a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular (MEILLET *apud* ALKMIM, 2011, p. 24).

Para Benveniste (1963), é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam de maneira mútua. Portanto, não será possível isolar o falante de seu contexto social, de modo a querer compreendê-lo, posto que é a partir de sua interação com o meio que o homem se constrói e se relaciona com outros indivíduos, desenvolvendo suas mais diversas atividades de produção. Nesse sentido, Alkmim (2011) discorre que:

a língua é a manifestação concreta da faculdade humana da linguagem, isto é, da faculdade humana de simbolizar. Sendo assim, é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e os outros homens (ALKMIM, 2011, p. 26)

Em vista disso, a língua é, naturalmente, comum a todos os integrantes da comunidade, visto que os indivíduos se relacionam por meio da linguagem, através de diversos recursos linguísticos, possibilitando assim variedades ilimitadas de mensagens produzidas com valor semântico que são inerentes à própria língua. Essa interação é histórica, contínua, variável e sistemática, pois língua e sociedade estão em permanentes transformações.

Dessa maneira, “as línguas se formam nas relações sociais entre os indivíduos de uma mesma comunidade, ao tempo que são o meio que possibilita as formas superiores de relação social que só a espécie humana atingiu” (LUCCHESI, 2015, p. 48). Com isso, é pertinente compreender que a língua varia e/ou muda influenciada pelas modificações históricas, sociais, políticas e culturais de um coletivo.

De acordo com Camacho (2011), é importante distinguir esses dois aspectos, a fim de compreender que sociedade e língua são grandezas de ordem distinta e têm organizações estruturais diversas, de modo que a língua se organiza em unidades distintas, que são em número finito, combináveis e hierarquizadas, visto que isso não se observa na organização social. Entretanto, segundo Benveniste (1963), certas propriedades unem língua e sociedade, pois ambas são realidades inconscientes, representam a natureza, são sempre herdadas e não podem ser abolidas pela vontade dos homens. Acerca disso, Alkmim (2011) discorre que a língua possui uma dimensão privativa, conferindo-a um papel importante para a estrutura social:

há, no entanto, uma dimensão privativa da língua, que a coloca em um plano especial: seu poder coercitivo, que transforma um agregado de

indivíduos em uma comunidade, criando a possibilidade da produção e da subsistência coletiva. (ALKMIM, 2011, p.27).

Os fatores sociais que atuam sobre a variação ocorrem de maneiras diferentes nas comunidades e exercem de alguma forma pressões contínuas sobre a língua. Conforme afirma Labov (2008, p. 21): “as pressões estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto no passado, mas como uma força social imanente, agindo no presente vivo”, dado que é desprezível encarar a realidade linguística como alguma coisa estanque e isolada.

Nesse sentido, para os estudos sociolinguísticos, é relevante compreender que a sociedade também influencia o modo como os falantes utilizam os elementos linguísticos em dadas situações de uso. Isso significa dizer que a língua se constrói coletivamente e por mais que nela ocorra a variação, nunca uma comunidade linguística deixará de interagir.

Assim, a partir do ponto de vista sociolinguístico, a relação entre língua e sociedade se dá intimamente, de modo que não se pode pensar no conceito de língua destituído dos processos históricos da sociedade. Do mesmo modo, não se constitui uma sociedade sem que nela não se preceda uma língua. Por isso, “as línguas humanas devem ser vistas sempre como criação coletiva dos povos que a falam, pois o indivíduo sozinho não cria uma língua natural (LUCCHESI, 2015, p. 48).

A correlação que se estabelece entre língua e sociedade não é a de que uma, possivelmente, determina a outra, mas a de que haja uma indispensável interação entre elas, de forma que ambas desencadeiam uma influência mútua entre si. É a partir desse entendimento que se pode reafirmar que a língua se constitui como um semantismo social, a partir das informações retidas pelo vocabulário, como reflete Alkmim (2011):

a língua dá forma à sociedade ao exibir o semantismo social, que consiste, principalmente, de designações, de fatos de vocabulário. Particularmente, o vocabulário se apresenta como uma fonte importante para os estudiosos da sociedade e da cultura, pois retém informações sobre as formas e as fases da organização social, sobre os regimes políticos etc. (ALKMIM, 2011, p.29)

Ademais, refletir a língua considerando os aspectos da sociedade é imprescindível para desmitificar os equívocos realizados sobre os diferentes modos de falar, afinal é sabido que a língua recebe influências tanto de estruturas internas quanto externas. Logo, cada comunidade linguística se caracteriza por sua maneira peculiar de interação. Portanto, não há variação melhor nem pior, há apenas diferentes formas de se dizer a mesma coisa.

## 2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA: BREVE HISTÓRICO

Esta seção aborda uma breve discussão sobre o surgimento da Sociolinguística, bem como sua relevância para o estudo sobre a língua, especialmente no que tange ao tratamento da variação linguística.

A Sociolinguística, fixada no ano de 1964, é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. Segundo Calvet (2002), o seu surgimento é oriundo da realização de um congresso, organizado por William Bright, na Universidade de Califórnia na cidade de Los Angeles (UCLA), em que participaram vários estudiosos que, posteriormente, se tornaram clássicos na tradição dos estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade, de modo que os autores envolvidos buscavam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural.

A Sociolinguística formalizou-se somente em 1968, quando Labov juntamente com Marvin Herzog e Uriel Weinreich lançaram o texto programático da Sociolinguística intitulado *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística* (1964). Essa obra foi um importante objeto no processo de atualização dos postulados sociolinguísticos que já vinha sendo alvo de contínuas reflexões.

A partir de então, a língua, como objeto de estudo, recebeu novas reflexões, não como sistema interno e limitado, mas, principalmente, como produto social dotado de heterogeneidade. Nessa obra, segundo Bortoni-Ricardo (2014), os autores criticam o conceito de língua proposto por Saussure por duas razões: i) Saussure definiu língua como um fato social, mas não caracterizou claramente essa relação; ii) Saussure estabeleceu a completa homogeneidade do código linguístico como pré-condição para a análise da língua. Nessa perspectiva Weinreich e seus dois discípulos completam a crítica argumentando que: “desvios do sistema homogêneo não são erros ou extravagâncias a serem atribuídas ao desempenho (ou performance), mas estão codificadas e são parte de uma descrição realista da competência da comunidade de fala” (Weinreich *et al.*, 1968, p. 121 *apud* Bortoni-Ricardo, 2014, p. 52).

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala são duas entidades distintas que podem ser correlacionadas. A autora ressalta que a explicação estrutural para os fenômenos heterogêneos é dada por meio da correlação estatística entre os fenômenos não categóricos, isto é, que varia de um falante para outro, de um enunciado para outro, ou até de um estilo para outro no repertório do mesmo falante, com entidades linguísticas e sociais.

Nessa perspectiva, a abordagem sociolinguística se opõe aos estudos antecedentes a ela, no que tange à postura adotada sobre os fenômenos linguísticos, principalmente, os postulados do modelo de Noam Chomsky e da Gramática Gerativista (posterior ao estruturalismo) que defendia a criatividade do falante de criar, emitir e compreender sentenças inéditas, sem considerar os aspectos exteriores à língua, denotando-a como inata do ser humano, visto que essa teoria dá ênfase ao desempenho e competência que são próprios dos indivíduos.

Nesse sentido, a sociolinguística surge não apenas para contrapor o pensamento gerativista, mas sobretudo o pensamento estruturalista que entendia a língua como homogênea e invariável, concebendo “a linguagem como um instrumento de comunicação, identificando-a com uma espécie de código, similar aos sistemas de sinais eletrônicos, coisa que absolutamente a linguagem humana não é” (CAMACHO, 2012, p. 62). Desse modo, a sociolinguística ganha seu espaço por mostrar que a língua é heterogênea e que essa heterogeneidade é estruturada e regulada tanto por fatores internos quanto externos à língua.

Labov se consagrou como figura indispensável para os estudos sociolinguísticos ao propor a Teoria Variacionista, a qual surge a partir de ramificações de Meillet, como apontam Coelho *et al.* (2015, p. 58):

como herança de Meillet, volta a ganhar força a noção de língua como fato social dinâmico, cuja variação é explicada por forças externas ao sistema. A Sociolinguística bebeu, ainda, de outras fontes teóricas, como os estudos de Dialetoлогия, de Linguística Histórica e de Bilinguismo, desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos na primeira metade do século XX.

Nesse contexto, os estudos sociolinguísticos ganham força a partir das reflexões levantadas por Labov sobre a pronúncia do /r/ estadunidense, demonstrando a mudança em progresso na Ilha de Martha’s Vineyard e Nova York. O pesquisador estudou o tratamento da variável /r/ em posição pós vocálica em vocábulos como *car*, *card*, *four*, *fourth*, a partir da seguinte hipótese geral: “se dois subgrupos de falantes nova-iorquinos quaisquer forem dispostos em certa ordem em uma escala de estratificação social, essa ordem se traduzirá tal qual sua diferença quanto ao emprego do /r/. (LABOV, 1976, p. 96 *apud* CALVET, 2002, p. 83). Para verificar essa hipótese, Labov observou a prática linguística dos empregados de três grandes lojas nova-iorquinas. Assim, descreve Calvet (2002):

essa primeira pesquisa baseava-se numa metodologia bem simples: perguntar aos empregados como chegar a determinada prateleira de produtos, ou em qual andar ela se localizava, a fim de obter uma resposta (de antemão conhecida) na qual figurasse a forma fonética estudada: *fourth floor* (quarto andar), a fim de saber se o /r/ de *fourth* e o /r/ de *floor* eram ou não pronunciados. (CALVET, 2002, p.83-84)

De acordo com Calvet (2002), Labov (1976) constatou que as três lojas onde a pesquisa foi realizada apresentaram diferenças notáveis como: localização geográfica, preços praticados, veículos nos quais inseriam publicidade etc. Enfim, os resultados permitiram a Labov concluir que: “seria falso conceber a comunidade linguística como um conjunto de falantes empregando as mesmas formas. Ela é mais bem descrita como um grupo que partilha as mesmas normas quanto à língua” (LABOV, 1976, p. 228 *apud* CALVET, 2002, p. 85).

Desse modo, é crucial uma diferença entre Meillet e Labov, a fim de compreender melhor a divergência entre seus métodos de abordagens. Segundo Calvet (2002), enquanto Meillet, comparatista, trabalhou com línguas mortas, Labov estudou os aspectos da língua através de situações contemporâneas concretas. De acordo com o pensamento de Labov, “o objeto de estudo é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística” (LABOV *apud* CALVET, 2002, p. 24).

Nessa perspectiva, Labov (1976) entende a língua como fato social, porém lhe interessam os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais. Nesse sentido, o autor admite ser possível que a língua mude em decorrência do próprio funcionamento do sistema linguístico, pois o mesmo recorre à comunidade linguística, buscando entender as correlações que o pesquisador estabelece entre variáveis linguísticas e os indivíduos categorizados mediante traços sociais, como gênero, escolaridade, posição socioeconômica, faixa etária etc.

É importante destacar que Labov (1976) não investiga o uso em si, a interação entre as pessoas, mas sim o que é comum nos discursos (o conjunto de normas partilhadas), tanto é que os dados são gerados em geral por meio de narrativas, de modo que os aspectos de interação não ficam tão evidentes.

Assim, a Sociolinguística se dedica a um estudo sobre a língua, considerando os diferentes contextos de interação. Em vista disso, esse estudo se contrapõe aos estudos formais, os quais adotam a concepção de língua desvinculada dos aspectos externos, sem considerar as características sociais inerentes a ela, como se língua e sociedade não se relacionassem. Não obstante, a Sociolinguística caminha por outros vieses, entendendo que a língua é dotada de variação.

Na abordagem dos estudos formais, o que se considera como relevante é a estrutura das formas linguísticas na observação interna da língua, de modo que tudo que é externo a ela, não denota relevância para descrever os fenômenos existentes. Entretanto, para os postulados sociolinguísticos, aquilo que é externo à língua também é significativo, visto que o processo de variação linguística ocorre, não só devido aos fatores linguísticos (estruturais), mas também aos fatores extralinguísticos (sociais).

Dessa maneira, cabe aos linguistas compreender o fenômeno linguístico como um processo aliado às transformações culturais, sociais, políticas e históricas pelo qual o homem é submetido ao longo de sua vida. Dessa forma, o seu objeto de estudo é pautado na língua falada, como assinala Alkmim (2011):

o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em diferente contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos (ALKMIM, 2011, p. 33, grifo da autora).

Nesse panorama, esse conjunto de normas é respeitado por todos os falantes, de modo que um compreenda o outro sem nenhuma dificuldade, pois compartilham do mesmo código linguístico. Por isso, “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT *apud* CALVET, 2002, p.21).

As concepções sociolinguísticas abandonam a importância dada à língua do indivíduo (idioleto) como objeto de análise e passa a dar relevância à língua do grupo social pertencente à comunidade, de modo que os fatores externos à língua passam a ser considerados significativos nos processos de variação e mudança. Essas reflexões reafirmam que o modo de falar de cada indivíduo corresponde à característica de diversos elementos que atuam sobre muitos fenômenos.

Na verdade, a sociolinguística se preocupa, excepcionalmente, com a gramática geral da comunidade de fala, e não com um sistema específico de um ou outro indivíduo. Para Labov (2008), uma comunidade de fala não é apenas um grupo de falantes que usam as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que, além disso, compartilham as mesmas normas a respeito do uso dessa língua.

Alkmim (2011) define uma comunidade de fala (ou comunidade linguística<sup>2</sup>) como:

um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meios de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (ALKMIM, 2011, p. 33).

Nesse sentido, qualquer comunidade de fala usa regras próprias dentro dos limites da língua, de modo que as diferenças linguísticas caracterizam especificidades de cada grupo social. E é por essa e muitas outras razões que a língua se constitui de modo complexo.

## 2.2.1 Conceitos Básicos da Análise Sociolinguística

Esta seção tratará dos conceitos básicos adotados pela sociolinguística para compreender o fenômeno de variação linguística; demonstrando os fatores linguísticos e extralinguísticos que agem de dentro e de fora da língua.

### 2.2.1.1 *Variação linguística*

A língua, indubitavelmente, é algo valioso para nossa comunicação e para nossa inserção no mundo. Toda língua possui variáveis e variantes; nenhuma língua é homogênea. Então, desconsiderar as tantas ocorrências de variação de uma língua é, incontestavelmente, considerá-la imutável e restrita aos seus próprios falantes.

Considerando as inúmeras e recorrentes mudanças na língua portuguesa, faz-se necessário reconhecer que ela é tão heterogênea quanto mutável e que se transforma a cada uso que fazemos dela. Por isso, a língua não serve somente para interagir com o outro; ela também é um instrumento de nossa própria identidade porque através dela somos identificados socialmente, culturalmente, politicamente, etc. A língua muda na fala de bilhões de pessoas que usam um mesmo sistema linguístico e essa mudança “é entendida

---

<sup>2</sup> Neste trabalho considerou-se “comunidade linguística” e “comunidade de fala” como sinônimos.

como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais”<sup>3</sup>(WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 139).

Toda e qualquer variação linguística é sistemática, isto significa afirmar que não há variação distanciada do próprio sistema linguístico do qual faz parte. Os indivíduos não utilizam a língua aleatoriamente, desvinculando-a das regras próprias de uso; uma vez que quando isto ocorre, dá-se o nome de discurso agramatical, em que não será possível efetuar a comunicação.

Em vista disso, é importante mencionar que toda variação na língua se dá de modo ordenado, coerente e sistemático. Por isso, “um dos postulados da Sociolinguística é o de que a variação não é aleatória, fortuita, caótica - ela muito pelo contrário, é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores” (BAGNO, 2007, p. 40). Esses fatores agem de dentro e de fora da língua condicionando o processo variacional.

Por exemplo, um falante pode utilizar, frequentemente, a expressão: “os aluno vai estudar”, mas esse mesmo falante jamais construirá a seguinte sentença: “estudar vai aluno os”. Aqui cabe ressaltar duas explicações relevantes para essas ocorrências: a ordem dos enunciados da segunda sentença prejudica a comunicação, soa como estranho para um falante do português, pois coloca alguns elementos numa ordem não permitida pela própria língua; já a primeira sentença não compromete o entendimento do enunciado, pois trata apenas de uma variante com morfema zero no vocábulo “aluno”, justificado pela marcação de plural já no primeiro elemento da sentença, no caso o determinante (os). Por isso, a segunda expressão foge à estrutura comum da língua, é assistemática e não se considera como um caso de variação; ao passo que a primeira é comum e se justifica pela sistematicidade e organização entre os constituintes da sentença.

Em vista disso, as formas que variam só se alteram até determinadas limitações, ou seja, não é possível que qualquer elemento ou enunciado linguístico sofra modificações acidentalmente, ocorrendo em qualquer contexto. Ao contrário, há explicações científicas para comprovar as regularidades da variação. Por exemplo, na sentença: “os menino joga bola”, em que há marcação de plural apenas no primeiro elemento, conhecido como determinante, não se vê construções como em: “o meninos joga bola”. Isso porque em contextos informais de uso a marcação de plural, muitas vezes, é feita apenas em um único elemento da sentença, de modo que corresponde ao mesmo sentido de: “os meninos jogam

---

<sup>3</sup> Segundo Borba (2008), o termo “línguas naturais” se refere às línguas faladas por qualquer comunidade humana com a finalidade da interação social, opondo-se às línguas artificiais que são geradas pelos computadores. Daí a justificativa de se utilizar sempre a expressão línguas naturais, evitando tal ambiguidade.

bola”. Vale ressaltar que qualquer falante de português, nesse caso, entende que se trata de mais de um menino.

Não obstante, muitas pessoas têm um conhecimento restrito sobre o que é língua, considerando-a como apenas um conjunto particular de pronúncias e regras gramaticais, conceito que não corresponde ao que realmente a língua é. Bagno (2007, p. 36) afirma que “a língua é um produto sociocultural, elaborado ao longo de muito tempo, pelo esforço de muita gente”, por isso é heterogênea. Nesse pensamento, o autor reflete a concepção de língua baseando-se na heterogeneidade que ela possui:

ao contrário da norma padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente uma nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável e está sempre em desconstrução e construção (BAGNO, 2007, p. 36).

Assim, é justamente pelo caráter heterogêneo das línguas humanas, que se faz mais cômodo, as pessoas pensarem na língua como algo que já terminou, já foi concluído no passado e que não se altera com o passar dos tempos, como se o sistema linguístico não fosse um processo contínuo e inacabado. Na verdade, muita gente não conhece a rica complexidade de variantes linguísticas que há numa língua; variantes essas que nenhuma gramática por si só daria conta.

Embora as pessoas falem a mesma língua, existem características que diferenciam a fala de um determinado grupo em relação a outro. A isso se dá o nome de variação linguística: “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (BAGNO, 2007, p. 40), sem comprometer a comunicação entre os interlocutores; assim, através das diferentes formas que empregamos no dia a dia, ao falar ou mesmo ao escrever, dizem muito do que somos: de onde viemos, qual nosso grau de escolaridade, nossa classe social, entre diversas outras informações.

De acordo com Beline (2002, p. 122), “a variação linguística é, portanto, um conjunto de duas ou mais variantes. Estas, por sua vez, são diferentes formas linguísticas que veiculam um mesmo sentido”, o mesmo autor ainda afirma que, “embora o indivíduo possa utilizar variantes, é no contato linguístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar os limites para a sua variação individual”.

Entretanto, é pertinente salientar que essa concepção de que a variedade está atrelada ao erro é meramente ideológica; pois certo é tudo o que a língua permite dentro de sua estrutura coerente e sistemática, como nos destaca Sherre (2005, p.18) “certo é tudo o que está conforme às regras ou princípios de um determinado grupo dentro dos limites do próprio grupo”.

De acordo com os postulados sociolinguísticos, baseando-se nos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2008), a existência de variação e estruturas heterogêneas nas comunidades de fala sustentam-se nos fatos do próprio sistema linguístico; o contrário seria disfuncional:

a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. [...] A heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional (WEINREICH, LABOV e HERZOG *apud* HERZOG, 2008, p.238).

Nesse sentido, é natural que a língua varie; o processo de variação é inevitável, visto que todo e qualquer sistema linguístico comporta estruturas peculiares às especificidades de cada grupo social. E nada disso acontece por acaso, nem condiciona à linguagem ao caos. Tudo que há na língua é resultado de interação.

Tarallo (2005, p. 14) caracteriza a língua como um importante fator de identificação social. O autor afirma que “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação dos grupos, em sua configuração, como também uma maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”. Isso porque a língua recebe diversas influências de fatores condicionadores que atuam sobre ela, os quais estão associados aos aspectos tanto interno (linguístico) quanto externo (extralinguístico) da língua. Coelho et al. (2015), em um caso de variação, determinam que os fatores condicionadores são:

fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua (s) “rival (is)”. (COELHO et al., 2015, p.22, grifos dos autores).

No primeiro fato, temos como exemplos os constituintes de determinada sentença, a classe de palavras presentes na variação, aspectos fonéticos, fonológicos, semânticos, etc; já no segundo, temos como exemplos os fatos de natureza social, como sexo/gênero, nível de escolaridade, faixa etária, classes sociais dos informantes, entre outros.

A atuação desses fatores, em uma ocorrência de variação, é indispensável para a compreensão de elementos intercambiáveis no sistema linguístico, visto que esses fatores condicionadores regulam a escolha de uma variante em detrimento de outra, bem como ajudam a delimitar quais contextos tais variantes são propícias para a ocorrência, demonstrando qual variante tem maior probabilidade de ser escolhida. Além disso, os condicionadores também são responsáveis por esclarecer que existem forças dentro e fora da língua que determinam como cada indivíduo fala. Coelho et al. apontam que:

[...] existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, tanto de uma ordem “micro”, envolvendo nosso grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagimos no dia a dia, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma estratificação social ampla (COELHO *et al.*, 2015, p.22).

Nessa perspectiva, é pertinente entender a língua como um objeto heterogêneo, social, dotado de regras variáveis e sistemáticas que estão intrinsecamente atreladas aos contextos linguísticos. Portanto:

não se deve conceber a variação como uma propriedade que possa levar o sistema linguístico ao caos. Mesmo que a princípio possa se pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a Sociolinguística vê a língua como um objeto dotado de heterogeneidade estruturada, logo, há regras, sim. (COELHO *et al.*, 2015, p.59).

Dessa maneira, as reflexões sociolinguísticas apontam que a variação é um processo comum na existência das línguas humanas, dotado de muitas regras, de modo que não é sustentável pensar sobre tal como problema, mas sim como uma solução para desmitificar os estereótipos.

#### 2.2.1.2 O vernáculo

O linguista norte-americano William Labov (2008, p. 145), destituído das concepções tradicionais de língua, conceituou o termo vernáculo como “o estilo em que se presta o

mínimo de atenção ao monitoramento da fala”. Bagno (2007, p. 47), por sua vez, afirma que “o vernáculo parece ser a fonte mais segura para a investigação dos fenômenos da mudança linguística que afetam determinada língua num determinado momento histórico”. O vernáculo de cada grupo social diz respeito à fala espontânea, isto é, nas interações verbais do dia a dia, onde a língua tende a ser utilizada com menor grau de formalidade e/ou maior carga de emotividade (sentimentos, emoções). Tarallo (2005), por sua vez, afirma que a língua falada é o veículo linguístico de comunicação usado pelas pessoas em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face.

Nesse sentido, o estudo do vernáculo constitui importante fonte para os postulados sociolinguísticos, visto que é por meio das investigações do uso real da língua, em seu momento natural de produção (com menor monitoramento), que é possível registrar as regras gramaticais que realmente pertencem ao português brasileiro contemporâneo. É por esse caminho que se pode entender as diferentes formas de uso de uma língua. É por esse caminho que se pode reconhecer a língua como tal.

Desse modo, o vernáculo do português brasileiro é presenciado em diferentes contextos de interação, nas atividades verbais realizadas entre as pessoas, como, por exemplo, em uma conversa entre amigos numa praça ou num campo de futebol, em casa com a família, num barzinho, e em muitas outras interações de comunicação vivenciadas no cotidiano, onde as variedades da língua são mais favoráveis. São nessas situações de uso da língua que os dados da fala interessam às análises sociolinguísticas.

Sabe-se que a pesquisa sociolinguística, por questões éticas e metodológicas, visa à coleta desses dados por meio de um pesquisador com gravador (já que o objetivo é analisar os sons da fala com precisão e sistematicidade), porém isso implica a obter esses dados de maneira tão natural como se observa em contextos informais. Para conseguir colher dados que possam representar a fala espontânea dos informantes com o mínimo de monitoramento, o pesquisador, antes de tudo, se depara com o paradoxo do observador, o qual influencia diretamente no contexto e, em consequência, nos dados obtidos, uma vez que o falante tende a desenvolver maior atenção porque sabe que sua fala está sendo gravada.

Por outro lado, só é possível obter esses dados pela observação sistemática<sup>4</sup>, como nos salienta Labov (2008): “o objetivo de uma pesquisa sociolinguística numa comunidade

---

<sup>4</sup>“O estudo sistemático do vernáculo foi realizado primordialmente no trabalho de Gumperz, no nosso próprio trabalho em Nova York e nas áreas de gueto urbano, e também no projeto de Fishman-Gumperz-Ma em Jersey City” (LABOV, 2008, p. 244).

deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; porém é só através da observação sistemática que podemos obter esses dados” (LABOV, 2008, p, 244).

Entretanto, algumas estratégias sugeridas por Labov, a fim de diminuir a situação da formalidade e superar esse paradoxo contido no processo de coleta são: a) provocar no informante narrativas que o faça se emocionar ao introduzir uma pergunta ou tópico sobre algum acontecimento triste vivenciado no passado (acidente, doença, morte), o que o torna suscetível aos sentimentos, causando maior envoltura na narrativa, fazendo com que a fala seja produzida espontaneamente, permitindo, portanto, a realização do vernáculo.

Outro aspecto sugerido também pelo autor é o método de minientrevista anônima e não gravada, o que não necessitaria fazer uso do equipamento de gravação nem a presença física do entrevistador, porém o próprio reconhece haver falhas nessa metodologia. Entretanto, de acordo com Labov (2008, p. 244), o método mais adequado diz respeito à entrevista gravada, pois “a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática”.

### 2.2.1.3 Variável e variante

Dentro do processo variacional, existem a variante e a variável, cuja distinção entre elas é de fundamental importância. Então, chamamos de variável “o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata”; e variantes as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável” (COELHO *et al.*, 2015, p.17). Por exemplo, na variação entre os pronomes “tu” e “você”, a variável com a qual estamos lidando é “a expressão pronominal da 2ª pessoa”, enquanto as variantes dizem respeito aos pronomes “tu” e “você”. Nesse sentido, para que duas ou mais formas sejam consideradas variantes é necessário atender a dois critérios básicos: a) elas devem ser intercambiáveis num único contexto e b) elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional. Segundo Bagno (2007), a regra variável é uma regra gramatical, de modo que não é qualquer forma linguística que pode assumir o papel de uma das variantes, pois o próprio sistema linguístico põe limitações. De acordo com Bagno (2007), uma variável sociolinguística é:

algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada. Cada uma das realizações possíveis de uma variável é chamada variante. A definição mais simples de variante é a de cada uma das formas de dizer a mesma coisa (BAGNO, 2007, p.50).

Como ilustração, podemos citar outro fenômeno variável do português brasileiro: a apócope. Imaginemos a palavra “freio”. Temos, então, duas pronúncias possíveis para esta palavra: *freio* e *frei*, nos quais independente da pronúncia, o significado da palavra permanece o mesmo, tanto *freio* quanto *frei* se referem a um dispositivo que regula, modera ou faz cessar o movimento de máquinas e veículos, funcionando como uma trava. Nesse exemplo, estamos diante de duas variantes de uma variável: o ditongo [yo] e a vogal [i]. Elas são intercambiáveis, ou seja, podem ser trocadas sem causar prejuízo ao vocábulo, de modo que não há comprometimento no que tange aos aspectos semânticos.

De certo modo, as variantes costumam receber valores distintos dentro de uma comunidade, sendo consideradas variantes padrão e não-padrão. Para Beline (2002, p 24) “as variantes padrão são, grosso modo, as que pertencem às variedades cultas da língua; já as variantes não-padrão costumam se afastar dessas variedades”. Em vista disso, a variante padrão é, em geral, considerada de prestígio, vista como língua “certa”, enquanto a não-padrão é, muitas vezes, estigmatizada, vista como língua “errada”. Sobre esta, pode haver comentários negativos por parte das pessoas que praticam o preconceito linguístico. De acordo com Coelho *et al.* (2015) as variantes padrão, grosso modo, são:

as que pertencem às *variedades cultas* da língua; já as variedades não padrão costumam se afastar dessas variedades[...] As variantes padrão tendem a ser conservadoras, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser inovadoras” (COELHO *et al.*, 2015, p. 18).

A norma-padrão não corresponde à fala do português brasileiro, ao contrário foi pensada a partir de uma escrita conservadora e arcaica, na qual se restringe aos textos literários produzidos ainda no período do romantismo, como assinala Faraco (2008):

a construção de um padrão brasileiro, foi, já na origem, excessivamente artificial: em vez de adotar como referência a norma culta comum, a elite letrada conservadora adotou como parâmetro um modelo lusitano de escrita, praticado por escritores portugueses do romantismo (FARACO, 2008 *apud* CAMACHO, 2012, p. 65.)

Bagno (2007), por sua vez, reafirma que a norma-padrão se sustenta muito mais pela ideologia linguística autoritária do que pelo direcionamento para os usos adequados e corretos da língua. Para o autor, a norma-padrão é “um fenômeno marcado historicamente por uma ideologia excludente e repressora” (BAGNO, 2007, p. 96).

#### 2.2.1.4 Tipos e níveis em que ocorre a variação

Para Labov (2011, p. 55), “toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para em seguida ocorrer a mudança”. Essa variação pode ser dividida em diatópica, diamésica, diatrástica e estilística.

Alguns autores apontam que a variação diatópica (variação regional ou geográfica) está associada às diferenças linguísticas existentes entre indivíduos que vivem em lugares diferentes, de modo que pode ocorrer entre falantes que vivem: em dois países distintos (Brasil e Portugal); em duas regiões de um mesmo país (Nordeste e Sul); em dois estados de uma mesma região (Bahia e Ceará); em duas cidades em um mesmo estado (Salvador e Feira de Santana) e ainda entre falantes de dois bairros localizados na mesma cidade. Por exemplo: falantes do Centro de Salvador e falantes das periferias, além disso, também é comum que essa variação geográfica ocorra entre pessoas que moram em zona rural e pessoas que moram em zona urbana.

A variação conhecida como variação diastrática (variação social) demonstra que a língua pode variar de acordo com as características sociais dos falantes, dada por principais condicionadores externos como: grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero e faixa etária. Para Labov (1996), essa variação “se refere à diferença nas sequências observadas na fala dos diversos segmentos sociais (classe alta, classe média, classe operária, classe baixa etc.)” (LABOV, 1966 *apud* LUCCHESI, 2001, p. 67).

Nesse sentido, um falante do português brasileiro poderá utilizar uma variante que seja condicionada por mais de um desses fatores. Por exemplo, uma variante comum no português brasileiro é a queda do *r* em sílabas finais de palavras, independente da classe gramatical. Falamos *catá* invés de *catar* (verbo), *colhé* invés de *colher* (substantivo); outro exemplo recorrente no português brasileiro é a troca do pronome plural de primeira pessoa (*nós*) em detrimento da forma *a gente*, esta que é utilizada com frequência pelos brasileiros em muitos contextos sociais.

Nós também desempenhamos diferentes papéis sociais que se alteram de acordo com as situações comunicativas; mudamos a maneira de falar adaptando-nos aos contextos, adequando a fala nos diversos ambientes, de modo que seja possível diferenciar as situações formais das situações informais, em que usamos a língua menos monitorada em contextos de usos informais, ao passo que utilizamos a língua com maior monitoramento em contextos propícios à formalidade. A esta alteração chamamos de variação estilística; é o ponto em que o falante percebe que a fala se adéqua a cada situação. Por exemplo, uma pessoa não fala do mesmo modo nas seguintes situações: em casa com a família, no trabalho com o chefe, no futebol com os amigos, num congresso nacional; teremos aí um registro formal e outro informal conforme exigências de cada contexto.

Para Labov (1996), essa variação também se refere “à variação observada na fala do indivíduo consoante a situação em que se encontra, do que temos, por exemplo, a fala espontânea, a leitura de texto ou de pares mínimos” (LABOV, 1966, *apud* LUCCHESI, 2001, p. 67). Então, usar uma linguagem informal num contexto formal ou usar uma linguagem formal num contexto informal é inadequado.

Ainda vale destacar a variação diamésica, a qual diz respeito aos diferentes meios, no caso da sociolinguística se refere à fala e à escrita. Antes de mais nada, é preciso refletir que há diferenças entre o meio falado e o escrito; pois um texto falado é espontâneo, menos monitorado, suscetível à variação de todos os níveis enquanto o texto escrito exige maior monitoramento, é estático e mais resistente ao processo de variação. Essas modalidades não são dicotômicas, mas sim contínuas:

salvo em situações excepcionais, a produção de um texto falado é uma atividade espontânea, improvisada e suscetível à variação nos diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade artificial (não espontânea), ensaiada (no sentido de que reservamos tempo e espaço para planejamento, revisões e reformulações), e um pouco menos variável, pois em geral está mais vinculada à produção de gêneros sobre os quais há maior pressão de regras normativas e maior monitoramento. (COELHO *et al.*, 2015, p.48).

Nesse segmento, é relevante conceber a fala e a escrita como duas modalidades distintas que se complementam; que se dão em contextos bem específicos que a tornam peculiares. Isso leva a refletir sobre a crença de que a escrita representa a fala, pois não precisa nem ir muito longe para descartar essa ideia, visto que a expressão falada precede à

expressão escrita. É por esse e outros mitos que se perdura a valorização da norma culta e a desvalorização da norma popular.

Cabe ressaltar que os tipos de variação não ocorrem separadamente, sendo independentes no sistema da língua, pois o que acontece na língua quando falamos são combinações de fatores que implicam no modo como a usamos. Portanto, os contextos são como possibilidades favoráveis ao desencadeamento de um ou mais fenômenos linguísticos dentro da comunidade de fala.

De acordo com Bagno (2007), a variação linguística ocorre em todos os níveis da língua. Dessa forma, pode haver variação fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical e discursiva; sendo condicionada pelos fatores de natureza linguística e/ou extralinguística, que influenciam no uso de variantes e variáveis.

O fato é que sempre vamos ter duas ou mais variantes para cada variável. Assim, no nível lexical é perceptível que haja dois ou mais vocábulos com apenas um valor referencial/representacional, ou seja, referindo-se a um mesmo campo semântico. Como exemplos, temos: mandioca, aipim, macaxeira representando um único significado, neste caso se referindo a uma mesma espécie de planta da qual possui raiz.

Segundo Coelho *et al.* (2015), no nível fonético/fonológico, ocorre a troca de um fonema por outro, por exemplo, podemos citar o fenômeno de despalatalização no vocábulo “palha” que passa para “palia”, seguida do processo de iotacismo, o qual se configura pela evolução de um som para a semivogal correspondente. Essa variação é explicada porque há uma aproximação articulatória entre a palatal /ʎ/, ortograficamente representado por <lh>, e a semivogal /y/, ortograficamente representado por <i>. Outro exemplo que exemplifica este nível diz respeito a quando ocorre um alçamento das vogais médias pré-tônicas em palavras como “menino”, “peru” e “coruja” que, respectivamente, se realizam como “minino”, “piru” e “curuja”. Isso se deve porque há influência da vogal subsequente.

O nível morfológico se caracteriza pela alteração no morfema da palavra, é o caso de exemplos com as formas verbais: “tu cantas” e “tu sentes”, que respectivamente são construídas: “tu canta” e “tu sente”. Observa-se que há uma queda do morfema -s, resultando em variação através do uso do morfema zero nas palavras supracitadas.

Ainda é importante mencionar o caso de interface que, segundo Coelho *et al.* (2015), ocorre quando a variação comporta dois ou mais níveis gramaticais, caracterizando como morfofonológica (ocorre a queda de um morfema sendo o mesmo também um fonema) e morfossintática (quando se considera a relação que se estabelece entre os vocábulos). De

acordo com Coelho *et al.* (2015), a não realização de *-m* (desinência verbal que indica P6<sup>5</sup>) em “eles anda” representa uma alternância morfêmica. Porém em casos como “homi” (por homem) e “viagi” (por viagem), o *-m* se comporta apenas como um fonema. Ocorre que nas duas situações, um fonema deixou de ser pronunciado; e no primeiro caso, esse fonema é também um morfema (visto que é dotado de significação), constituindo-se assim um caso morfofonológico.

Para exemplificar o caso morfossintático, Coelho *et al.* (2015) apresentam que a referência a P2<sup>6</sup> em “tu anda” e a referência a P6 em “eles anda”, dá-se pela relação estabelecida entre pronome e verbo, de modo que o pronome carrega o significado de pessoa do verbo. Contudo, se a alternância ocorrer entre as formas “tu” e “você” ou mesmo entre “nós” e “a gente”, temos apenas um caso de variação morfológica, e não interface, visto que nessa situação ocorre apenas uma alternância de forma pronominal. Ainda vale destacar que “os fenômenos em variação morfológica são, em sua maioria, casos de variação morfofonológica ou morfossintática” (COELHO *et al.*, 2015, p. 28).

A variação no nível sintático corresponde à relação que se estabelece entre os constituintes de determinada sentença. Assim, podemos considerar as seguintes ocorrências nas construções relativas denominadas de relativa padrão, relativa cortadora e relativa com pronome lembrete, que respectivamente correspondem aos exemplos extraídos da pesquisa de Tarallo (1980) citado por Coelho *et al.* (2015, p. 28): i) *o filme a que me referi é muito bom*; ii) *o filme que me referi é muito bom*; e iii) *o filme que me referi a ele é muito bom*.

Segundo Coelho *et al.*, (2015) é pertinente ressaltar que os aspectos lexicais, na classificação dos dialetos em geral, diferem dos outros aspectos no sentido de que:

os aspectos lexicais são menos sistematizáveis do que os fonético-fonológicos, morfológicos ou sintáticos, visto que esses últimos são regulados por condicionadores internos, além dos externos, enquanto os lexicais estão intimamente ligados a fatores extralinguísticos, de caráter cultural, sobretudo etnográficos e históricos (COELHO *et al.*, 2015, p.25).

Além de a variação ocorrer nesses níveis supracitados, ela também ocorre no nível discursivo da língua, condicionado pela significação e o contexto situacional em que se encontram os interlocutores.

---

<sup>5</sup> P6 é a nomenclatura utilizada pelos autores para se referir a 3ª pessoa do plural (eles/elas).

<sup>6</sup> P2 é a nomenclatura utilizada pelos autores para se referir a 2ª pessoa do singular (tu).

Nesse sentido, podemos pensar na utilização de elementos conectivos utilizados numa conversação como marcadores discursivos; é o caso de “e”, “aí”, “daí”, “então”, etc. que apresentam outros sentidos diferentes dos atribuídos pela gramática normativa. De acordo com Coelho *et al.*, (2015), esses exemplos ilustram usos variáveis que funcionam estabelecendo uma relação coesiva entre uma informação precedente e outra subsequente dentro de uma estrutura textual. Conforme Coelho *et al.* (2015), “os marcadores discursivos são elementos que servem não apenas à organização da fala e à manutenção da interação entre falante e ouvinte, mas também que atuam no encadeamento coesivo das partes de um texto” (COELHO *et al.*, 2015, p. 31).

Seguem alguns dados extraídos da tese de Tavares (2003), provenientes de amostras orais do Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), que comprovam essas variantes discursivas:

(1) aí a minha mãe: “Ah! Pois é, mas eu tenho que dar baixa nessa carteira.”  
 Aí o cara falou: “É, mas a senhora não quer nada?” E a minha mãe disse: “Quer nada o quê? [...]”; (2) A costureira não quis fazer, então eu e a minha irmã – A minha irmã não sabe costurar muito bem, *daí* ela disse pra ele assim: “Não, mas quando que nós vamos fazer serão[...]; (3) Mas ele insistiu e disse: “Olha tem uma equipe, lá, do Professor Oldair Pedroso, se for necessário nós podemos lhe mandar pra São Paulo fazer um curso.”  
 Então eu disse: “ Se é assim, se desejam assim, eu posso tentar, se não decepcionar [...]” (TAVARES, 2003, *apud* COELHO *et al.*, 2015, p. 30).

Coelho *et al.* (2015) afirmam que em todos os casos acima os elementos em variação (“e”, “aí”, “daí”, “então”) ocorrem no mesmo contexto (precedem os verbos *falar/dizer*), ou seja, introduzem o discurso direto, dando sequência ao texto de modo coeso, atuando ainda como variantes de uma mesma variável linguística, e destituindo-se da definição natural que se encontra nos manuais de gramática tradicional.

Assim, poder-se-á compreender que a variação linguística existe em consequência das forças que atuam dentro e fora da língua; sendo esta constituída de heterogeneidade. Portanto, a variação linguística é inevitável, uma vez que a língua é complexa, heterogênea e mutável. Logo, não é possível pensar numa estrutura linguística completamente fixa e invariável.

Neste capítulo, discutiu-se um pouco de história da Sociolinguística e seu objeto de ensino (a língua falada), comparando-a com concepções teóricas estruturalistas, tendo como destaques os conceitos básicos adotados pela Teoria Variacionista sobre os diferentes tipos e níveis em que a variação linguística ocorre. O próximo capítulo aborda uma breve história

da formação do português brasileiro que se iniciou a partir do processo colonial. O uso desse português é expresso de três diferentes maneiras: norma culta, norma popular e norma-padrão.

### 3 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo trata um pouco da história do português brasileiro, a fim de compreender como a língua portuguesa se difundiu no Brasil a partir do processo de colonização, provocando o contato entre línguas. É importante explicar esses aspectos históricos para discutir melhor as variantes fonética-fonológicas da lateral palatal / ʎ / investigada no *corpus*, considerando os aspectos estruturais e sociais. A ideia de revisitar, brevemente, a formação do português condiciona a contextualização necessária para apreender os conceitos que são discutidos adiante.

#### 3.1 BREVE HISTÓRICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Aquilo que chamamos de língua portuguesa diz respeito aos diferentes modos de falar utilizado por pessoas espalhadas pelo Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. Entretanto, essa mesma língua falada por diferentes países foi modificada histórica e culturalmente após o processo de colonização. Logo, a língua do colonizador imposta ao povo colonizado não faz mais parte do dialeto da população, sobretudo do povo brasileiro, isto porque a língua mantém uma relação com a história, a cultura, a política, a luta de um coletivo.

Assim, o português europeu se difundiu pelo território brasileiro e, devido ao contato entre muitas pessoas distintas, configurou-se como um português diferente de Portugal, tornando-o específico em todos os níveis da língua. Atualmente já se pode constatar esse fato a partir da elaboração de diversos estudos sociolinguísticos, bem como na observação empírica entre falares brasileiros e portugueses. O fato é que “a separação estrutural entre a língua portuguesa e a do Brasil é um fenômeno lento de águas profundas, que é fácil, e, a muitos, desejável não observar” (CASTRO *apud* MATOS 2001, p 24).

O português brasileiro teve sua formação norteadada pelo processo histórico-social que culminou em uma ampla diversidade linguística, influenciada não somente pelos portugueses, mas também pelos africanos, índios e outros povos que imigraram para cá durante o período colonial e escravocrata. Desse modo, “a língua portuguesa se foi disseminando entre a população pobre, de origem predominantemente indígena e africana, nos três primeiros séculos da história do Brasil” (LUCCHESI, 2006, p. 91).

Admite-se que, no início da colonização portuguesa, usavam-se mais de mil línguas indígenas, de vários troncos e famílias linguísticas. Nesse contexto, Rodrigues (*apud*

LUCCHESI; BAXTER, 2006) propõe que teriam sido, inicialmente, 1.175, das quais 85% desapareceram no período colonial, e depois continuaram a desaparecer, ou porque os seus falantes se integraram à sociedade nacional, ou porque foram dizimados intencionalmente ou por epidemias.

As línguas indígenas foram utilizadas nos séculos XVI e XVII, como importante instrumento de dominação sobre os índios que aqui habitavam, sobretudo a partir do processo catequista. O principal objetivo dos jesuítas localizados em Portugal e em seus territórios coloniais era de catequizar os nativos, a fim de, posteriormente, terem condições de convertê-los ao cristianismo. Nesse cenário, a língua do colonizador era imposta.

A existência das línguas gerais perdurou por mais de dois séculos, até que em 1757, um decreto do Marquês de Pombal proibiu seu uso em espaço escolar, impondo o português como língua do ensino na colônia. Esse fato explica como a língua portuguesa foi incorporada nos espaços brasileiros.

Com o processo de imigração, os imigrantes, inicialmente, aprenderam o português popular com as mudanças realizadas em decorrência da transmissão linguística irregular, como afirmam Lucchesi e Baxter (2006):

o português que esses imigrantes – italianos, japoneses, alemães etc. – aprenderam, ao chegar ao Brasil, era o português popular, com as profundas mudanças decorrentes do processo de transmissão linguística irregular por que havia passado. Contudo, em função de seu *background* cultural, esses imigrantes ascenderam rapidamente na estrutura social, levando para o seio da norma culta algumas das estruturas de matriz popular que haviam adquirido em seu contato inicial com o português (LUCCHESI; BAXTER, 2006, p. 179).

Segundo Mattos e Silva (2004, p. 84) os recém-chegados ao Brasil teriam de adotar dentre os recursos linguísticos disponíveis: as línguas indígenas, as línguas gerais indígenas ou o português do colonizador, visto que esta última era a adotada e no processo de aquisição sua estrutura era modificada, resultando em um português popular construído a partir de transmissão irregular.

Alguns autores apontam para a existência de criouliização na formação do português brasileiro, porém Lucchesi e Baxter (2006) apresentam fatores que justificam a não criouliização. Assim, a proporção do segmento de origem africana é o primeiro fator que explica por que não houve no Brasil a formação de uma língua crioula de base portuguesa. Isso porque “o nível de criouliização é inversamente proporcional à facilidade de acesso aos

modelos da língua-alvo; e que, em termos demográficos, o acesso à língua-alvo é determinado pela proporção da população dominante” (LUCCHESI; BAXTER, 2006, p. 185). Embora as avaliações feitas apontassem para um quantitativo de negros que variavam entre quatro e 14 milhões, muitos autores defendem a ideia de não ter existido no Brasil uma língua efetivamente crioula.

Outro fator que também inibiu a formação de um crioulo brasileiro tem a ver com as condições de vida a que eram submetidos os escravos brasileiros. Nesse sentido, “a criouliização depende de forma crucial da nativização da língua-alvo, o que, por sua vez, passa pela socialização do uso da língua-alvo entre a população dominada” (LUCCHESI; BAXTER, 2006, p. 185).

A socialização da língua-alvo entre a população escrava também foi prejudicada pelos sucessivos deslocamentos das lavouras do Nordeste para a região das minas, no século XVIII, e dessas para a lavoura de café, no século XIX. A venda de escravos, em muitos casos, desarticulava os agrupamentos já formados, ou mesmo os embriões de núcleos familiares, o que certamente dificultava a socialização (LUCCHESI; BAXTER, 2006, p. 186).

A criouliização também enfrentou a concorrência do uso de línguas francas africanas entre a população escrava, sobretudo nos ambientes da senzala. Desse modo, “se, nessa interação os escravos lançam mão de uma língua franca baseada na língua nativa do seguimento étnico africano mais representativo e/ou de maior prestígio, o processo de criouliização é inibido” (LUCCHESI; BAXTER, 2006, p. 186).

Assim o uso dessas línguas inibiu a formação de uma língua crioula de base portuguesa, na medida em que elas eram o instrumento da interação verbal entre os escravos segregados e negros marginalizados, que provavelmente seria o terreno mais propício para o processo de criouliização do português.

De acordo com Lucchesi e Baxter (2006), a miscigenação racial foi o fator decisivo para que não tivesse ocorrido um processo de criouliização representativo do português brasileiro. Isso porque para considerar a existência de uma língua crioula é necessário que essa língua seja usada por uma parcela significativa de usuários em detrimento da concorrência de outras línguas faladas no país; o que de fato não ocorreu no Brasil.

Por outro lado, Baxter (*apud* LUCCHESI; BAXTER 2006), ao considerar a história sociolinguística do Brasil, não descarta a possibilidade de ter havido diversas criouliizações leves em diferentes períodos de tempo, mas as suas inovações teriam sido absorvidas e diluídas. Para o autor, não houve um crioulo de base portuguesa estável e difundido.

Como afirma o historiador Couto (1992), houve um crescimento significativo da população africana no Brasil nos finais do ano de 1500, sobretudo na capitania baiana:

nos finais de Quinhentos, a presença africana (42%) já se estendia a todas as capitanias, ultrapassando no conjunto, qualquer um dos outros grupos – portugueses (30%) e índios (28%), apresentando um crescimento espetacular nas capitanias de Pernambuco e Bahia, esta última sextuplicando seus habitantes negros (COUTO, 1992, p 278, *apud* MATOS, 2004 p. 170).

Segundo Bortoni-Ricardo (2011), no primeiro período de colonização, a aceitação do uso da língua geral por parte da Metrópole foi motivada por considerações pragmáticas, pois os cidadãos portugueses no Brasil eram, em números, limitados. Essa política não durou muito e foi definitivamente abandonada em 1759 com a expulsão dos jesuítas de Portugal e dos territórios coloniais, esses que tinham como função ensinar a língua portuguesa aos indígenas, através da prática catequista.

Desse modo, o número crescente de falantes de português no Brasil ampliou a disponibilidade da língua do superestrato entre as comunidades falantes de português pidginizado. Esse fato, juntamente com o prestígio da fala da elite, parece ter impedido a evolução do processo de pidginização.

Conforme Bortoni-Ricardo (2011), a língua pidgin foi inibida à medida que aumentava o número de falantes europeu e os colonizadores penetravam nas áreas interioranas. Ainda assim essa língua pidginizada desenvolveu variedades populares do português, como, atualmente, é o caso do dialeto caipira.

### 3.1.1 A norma culta e a norma popular

A discussão que segue sobre norma culta, norma popular e norma-padrão apresenta os diferentes modos de expressão da língua; umas menos intensas que outras, mas não menos importantes. Essa abordagem contribui para compreender a dimensão dos fenômenos linguísticos, bem como corrobora para a discussão dos dados que serão considerados neste trabalho.

De acordo com Lucchesi (2006), o processo histórico de formação do português brasileiro constitui-se da norma culta, proveniente do uso linguístico de uma elite escolarizada, e da norma popular, proveniente da grande maioria da população do país, que é desprovida de educação formal e dos demais direitos da cidadania. No tocante às variedades

de uso da língua resultam de uma série de fatores que implicam a formação do sujeito que vive explorado e marginalizado, isto é, a maioria da população brasileira que não tem acesso às necessidades básicas de saúde, educação, segurança, etc.

O Brasil foi, “no decurso de mais de três séculos, um vasto país rural. Suas cidades e vilas, quase todas costeiras, de pequena densidade demográfica e desprovidas de centros culturais importantes, nenhuma influência exerciam nas longínquas e esparçadas povoações no interior” (CUNHA, 1985, p. 17 *apud* LUCCHESI, 2009, p 189). No cenário da polarização sociolinguística do Brasil, esse fato determina as diferenças entre as variedades linguísticas atreladas ao povo urbano e ao povo rural, de modo que a chamada norma culta teria se “formado e se concentrado nos reduzidos núcleos urbanos fixados quase que somente no litoral. Em oposição às cidades, o português popular brasileiro ia se constituindo no interior do país, onde se instalaram os Português Afro-Brasileiro” (LUCCHESI, 2009, p.32). Assim, Mattos e Silva (2004) supõem que as avaliações feitas sobre o quantitativo de negros variam entre quatro e quatorze milhões.

Lucchesi (2009) apresenta a distinção entre norma culta e norma popular, contrastando as diferenças culturais, sociais e políticas existentes entre os indivíduos que fazem uso dessas normas. Para o autor, a norma culta seria:

constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que têm formação escolar, atendimento médico hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania e é tributária, enquanto norma linguística, dos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e do Império; modelos esses decalcados da língua da Metrópole portuguesa. (LUCCHESI, 2009, p. 42).

Nesse sentido, enquanto a norma culta denota o privilégio da classe social prestigiada em diversos setores da sociedade, a norma popular é condicionada pela maioria do povo que vive na total exclusão e tem os seus direitos negados. Para Lucchesi (2009), a norma popular, por sua vez, “se define pelos padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população, alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social” (LUCCHESI, 2009, p.42).

Faraco (2002) não costuma adotar o termo “norma culta”. Na perspectiva do autor, o adjetivo “culto” pode implicar em pressupostos indiscerníveis:

há na designação norma culta um emaranhado de pressupostos nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo ‘culto’, por exemplo, tomado em

sentido absoluto, pode sugerir que esta norma se opõe a normas ‘incultas’, que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura (FARACO, 2002, *apud* BAGNO, 2007, p. 104-105).

Bagno (2007) também considera problemáticas essas estruturas e emprega novos termos em substituição à norma culta e à norma popular. Segundo o autor, tais vocábulos corroboram para a manutenção do preconceito, visto que ambas expressam o sentido pejorativo e ambíguo.

De acordo com Bagno (2007), o problema é que as camadas privilegiadas da população recebem a qualificação de “culto”, enquanto as camadas estigmatizadas recebem a desqualificação de “inculto”, como se fosse possível pensar num povo destituído de cultura. Dessa forma, refletir sobre essa problemática é um importante passo para uma concepção de língua justa e democrática, sem menosprezar nenhuma classe social.

Nesse sentido, o autor propõe a substituição do termo “norma culta” por variedades prestigiadas, bem como do termo “norma popular” por variedades estigmatizadas, baseando-se na oposição entre prestígio e estigma. Considerando a semântica dos termos, essa nova proposta, por não elevar a valorização da cultura elitizada nem desencadear o preconceito com aqueles que detêm o menor capital, adquire um *status* significativo, visto que se trata de diversidade linguística.

Nessa perspectiva, são adotadas, neste trabalho, as nomenclaturas: variedades prestigiadas (substituindo a norma culta) e variedades estigmatizadas (substituindo a norma popular), conforme sugerem Faraco (2002) e Bagno (2007). Esse posicionamento se deve pelo fato de os termos adotados aqui não articularem significados pejorativos e preconceituosos com o povo economicamente desfavorecido, que vivem à margem das desigualdades sociais.

### 3.1.2 A norma-padrão

A norma-padrão, ao contrário da norma culta e da norma popular, caracteriza-se apenas como ideal de língua, dissociado da realidade linguística brasileira, visto que não é possível constatar essa variedade no uso concreto das interações verbais entre os sujeitos. Na verdade, a norma-padrão é uma variedade muito restrita à língua literária arcaica, de modo que nenhum indivíduo, por mais escolaridade que tenha, faz uso por completo dela. Isto porque ela existe somente numa convenção de língua imutável e rígida.

Dessa forma, compreende-se que “a norma-padrão aparece fora do universo da variação, fora dos usos sociais da língua empiricamente comprováveis” (BAGNO, 2007, p. 106). As pessoas não dão conta de falar tudo que a gramática normativa estabelece, como se existisse um modelo a seguir, pois a língua não está viva nos manuais de gramática, mas sim na boca do povo, correlacionada com os fatores da sociedade, no processo de construção e reconstrução.

Ainda de acordo com Bagno (2007) a norma-padrão constitui-se mais como um modelo abstrato, inutilizado:

a norma-padrão não faz parte da língua, não corresponde a nenhum uso real da língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata, um discurso sobre a língua, uma ideologia lingüística, que exerce evidentemente um grande poder simbólico sobre o imaginário dos falantes em geral, mas principalmente sobre os falantes urbanos mais escolarizados (BAGNO, 2007, p.106).

O mesmo autor aponta que outro motivo importante para fazer a distinção entre norma-padrão/variedades prestigiadas é que ela nos ajuda a identificar o que realmente é o português brasileiro contemporâneo falado e escrito por pessoas altamente escolarizadas dos meios urbanos. Vale ressaltar que essas pessoas, ao contrário como muitos pensam, não utilizam a norma-padrão da língua, mas sim a variedade prestigiada.

Segundo Bortoni-Ricardo (2011), a padronização da língua no Brasil é parcialmente explicada pelo aumento da imigração portuguesa, mas também pelos seguintes fatores: i) a institucionalização da língua, por meio da permanente política de Portugal, ii) a estratificação social da sociedade colonial e o conseqüente prestígio da elite e iii) a tendência para a urbanização.

Nesse sentido, entende-se que “a língua padrão no Brasil é claramente um fenômeno relacionado à classe social” (BORTONI-RICARDO, 2011, p.26). Nesse contexto, os falantes que fazem parte da classe social mais estigmatizada, que vivem à margem das desigualdades sociais, sem acesso à educação de qualidade, não adquirem as variantes prestigiadas da língua, como a elite que detêm o poder. Essa diferença lingüística denuncia um país injusto, desigual e corrupto, que corrompe, sobretudo, o povo mais pobre.

### 3.2 ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DE / ʎ / NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta seção faz uma revisão de algumas discussões realizadas acerca da lateral palatal /ʎ/ e suas variantes [l], [j] e [ø] no PB, a fim de compreender como se dá o comportamento da lateral palatal contemporaneamente.

#### 3.2.1 O fonema / ʎ /: realizações fonéticas, descrição e a sua comprovação na fala popular paranaense

O trabalho *O fonema / ʎ /: realizações fonéticas, descrição e a sua comprovação na fala popular paranaense* de Aguilera (1989), investigou uma amostra de 18 itens (*alho, cangalha, galho, orvalho, orelha, orelha de pau, arco-da-velha, ilha, milho, trilho, silhão, bolha, folha, folha-de-laranja, piolho, piolho-de-cobra, agulha, agulhinha*) registrados na fala de 56 informantes da zona rural de 30 localidades paranaenses.

Em caso como dos vocábulos *alho, galho*, a pesquisadora confirmou que quando a palatal é precedida da vogal central [a], houve as seguintes ocorrências: a manutenção da palatal lateral [ʎ] em 52%; a despalatalização [ly] em 16%; a iotização [y] em cerca de 26%; e a propagação do iode [yy] em 3%. No estudo, comparam-se esses resultados com os das ocorrências no vocábulo *cangalha* que obteve: 19% para [ʎ], 47% para [y] e 33% para [yy], concluindo que a iotização tende a ser maior quando se refere aos vocábulos de uso restrito ao campo.

Aguilera (1989) também verificou que ocorreu alto índice de iotização nos vocábulos em que a vogal [e] precedeu a lateral palatal, em *orelha-de-pau* e *arco-da-velha* (68%). Segundo a autora, isso se deve pelo fato de serem lexias compostas e por se tratar de vocábulos de uso mais restrito ao campo. Já no caso de lexia simples e de vocábulo comum a qualquer contexto sociocultural, como *orelha*, o índice ficou em torno de 25%.

Nos vocábulos em que a palatal é precedida da vogal alta [i], como em *ilha, milho, silhão, trilho*, Aguilera (1989) encontrou os seguintes resultados; a manutenção da consoante palatal foi de 58% em *ilha* e *milho*; a iotização em *ilha* (4%), em *milho* (20%), em *silhão* (23%) e em *trilho* (36%).

Já nos vocábulos em que [ʎ] foi precedido de [u], como em *agulha, agulhinha*, foram registrados 55% da manutenção da consoante palatal contra 36% de iotização. No vocábulo *agulhinha*, ocorreram 60% de registros em [li] despalatalização, 10% de manutenção de

palatal e 30% de iotização. A autora pesquisadora não abordou sobre a despalatalização simples [l], a qual será discutida neste trabalho.

Apesar da amostra se constituir de um número reduzido para reflexões mais profundas, não deixa de contribuir para a discussão de outras ocorrências como essas que podem apresentar resultados diferentes ou semelhantes.

### 3.2.2 Um estudo variacionista sobre a lateral palatal

Brandão (2007), em *Um estudo variacionista sobre a lateral palatal*, mostra, inicialmente, os resultados de uma consulta a 21 cartas extraídas dos Atlas Linguístico da Paraíba, Atlas Prévio dos Falares Baianos, Atlas Linguístico de Sergipe e Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais), totalizando 510 dados, observaram-se os seguintes resultados: 176 ocorrências de [ʎ] (35%); 09 ocorrências de [ʎ]<sup>7</sup> (2 %); 272 ocorrências de [j] (53%)<sup>8</sup> e apenas 01 ocorrência de [l] (0%).

Segundo Brandão (2007), apesar de ser restrito o número de vocábulos e de poucos contextos de ocorrências, constatou-se no estudo que: a) o predomínio da variante [j], e b) cancelamento do segmento no caso de vocábulos com [i] tônico no contexto antecedente. Tal resultado, de acordo com Brandão, se opõe ao de Lima (2006), que investigou o fenômeno em áreas do Estado do Rio de Janeiro, observando que [ʎ] é a variante mais frequente (90%).

Ao mostrar os números acima, a pesquisadora compara os resultados acima com os dados da fala das regiões Norte e Noroeste do Rio de Janeiro, com 3501 dados referentes a 13 comunidades distribuídas pelas áreas litorâneas e interioranas. A amostra contemplou 78 informantes, sexo masculino, analfabetos ou com até 4 anos de escolaridade, distribuídos por três faixas etárias (18-35 anos; 35-55 anos; mais de 56 anos). Segundo Brandão (2007), na amostra, a lateral palatal obteve uma porcentagem de 72% (2515 ocorrências), sendo a variante preferencial em contraste com a semivogal e a lateral alveolar, ambas atingiram apenas 5%.

Os fatores extralinguísticos considerados na pesquisa foram: área geográfica e faixa etária; já os fatores estruturais foram: contexto antecedente, contexto subsequente, classe do

---

<sup>7</sup>Essa variação não foi observada nesta pesquisa por entender a proximidade que mantém com [ʎ], visto que necessitaria de uma análise acústica para uma melhor observação da variante.

<sup>8</sup>Não se sabe que fator favoreceu esse resultado, pois no artigo da pesquisadora não há informações sobre a faixa etária e/ou o contexto geográfico dos informantes.

vocábulo, tonicidade da sílaba em que incide o segmento e presença de nasal palatal no vocábulo. Em todo o *corpus*, houve apenas 21 casos de cancelamento (ou apagamento) favorecidos no contexto antecedente, pela vogal [i], como em: *melhorava* [miorava], *milho* [miu], *filho* [fiu], *forquilha* [fuhkia] etc.

A autora constatou que a variante [lj] é mais produtiva na área urbanizada (P.R. 0,62), enquanto [j] é mais favorável na área mais rural (com P.R. 0,72), com exceção apenas de duas das comunidades (Itaperuna e São Fidélis), por possuírem maior índice de urbanização.

Quanto ao fator tonicidade da sílaba, das 181 ocorrências de [l], 148 (82%) ocorreram em sílaba tônica, com peso relativo de 0,77, enquanto o da postônica apresentou peso relativo de 0,30. Quanto ao fator idade, a variante [j] se mostrou mais presente na fala dos indivíduos mais velhos (P.R. 0,64) do que nos de meia idade (P.R. 0,48) ou nos mais jovens (P.R. 0,32).

Brandão (2007) concluiu nos dados analisados que a variável [ʎ] na fala do Norte e do Noroeste fluminenses demonstrou os seguintes resultados:

I- do ponto de vista estrutural: a) [ʎ] está presente na fala de todos os informantes, concorrendo com [lj], a segunda variante mais produtiva; b) diante de [i], [ʎ] concorre com o cancelamento ou com [l]; c) [j] ocorre, preferencialmente, depois de vogal aberta; d) o contexto postônico é o mais propício à implementação de [lj] e da semivogal, enquanto [l] ocorre em contextoônico; e) Quanto aos contextos de vogal antecedente e seguinte foi observado que i) à esquerda, vogais altas condicionam a variante [lj] e vogais abertas a semivogal [j]; já à direita são as vogais [+ coronais] as que mais favorecem a ocorrência de [l].

II- do ponto de vista extralinguístico: a) as variantes [lj] e [j] são também condicionadas por fatores de natureza diatópica e diastrática; (b) demonstram que, no território fluminense, ao contrário do que se verifica em outras áreas do País, parece prevalecer a variante [ʎ]. Por fim, Brandão (2007) concluiu nos dados que há dois padrões de variação, um socialmente não marcado (17%), e outro socialmente marcado (83%), este marcando a norma da comunidade.

### 3.2.3 O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte

Na tese *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de belo horizonte*, Pinheiro (2009) detecta quatro variantes de /ʎ/ no português belorizontino

classificadas como: lateral palatal ou lateral seguida de semivogal [ʎ]<sup>9</sup>; variante lateral alveolar [l]; variante vocalizada [y]; variante apagada [ø]. Nesse trabalho, o autor optou por não distinguir as variantes lateral palatal e a lateral seguida de semivogal, justificando que as mesmas podem ser interpretadas como uma única variante do ponto de vista perceptual, como o fez Pontes (1972).

De acordo com Pinheiro (2009), os falantes da comunidade estudada favoreceram a variante padrão [ʎ], seguida pela variante [y], depois a variante zero, com número pequeno de ocorrências. Notou-se que [y] e [l] foram favorecidas pelas vogais posteriores e a variante [ø], influenciada pelas vogais frontais, apresentou comportamento categórico.

Os resultados comprovaram que o favorecimento de [ʎ] é dado pelas vogais frontais e centrais, com pesos relativos muito próximos: frontal (P.R.0.54); central (P.R.0.53) e a posterior (P.R.0.42) desfavoreceu. Já a variante [y] favoreceu pelo traço da vogal posterior, com peso relativo de 0.58. Quanto à variante [l], houve favorecimento pelas vogais posteriores, peso relativo de 0.75 e desfavorecimento pela vogal central, com peso relativo de 0.25. Já a manutenção da palatal foi favorecida pela vogal central com o mesmo peso relativo de 0.75.

Segundo a autora, as variantes [y] e [l] foram favorecidas pelas vogais [+ arredondadas], enquanto a variante [ø] apresentou mais favorecimento pelas vogais [- arredondadas], apresentando comportamento categórico em relação a esse traço.

Em relação ao traço [+/- arredondado], o peso relativo 0.87 confirmou o favorecimento de [l] pelas vogais [+ arredondadas]. Por outro lado, as vogais menos arredondadas favorecem a realização de [ʎ], com peso relativo de 0.73.

O estudo comprovou que as variantes [y] e [ø] são favorecidas pelas vogais altas, sendo que todas as ocorrências de [ø] possuem contexto precedente constituído por vogais altas. Para a autora, a variante [l] é favorecida tanto pelas vogais médias-altas quanto pelas vogais altas as quais apresentaram percentual próximo.

Os traços que se destacaram como favorecedores de [l] foram o posterior e o [+arredondado], enquanto que em relação à altura houve dois traços favorecedores: os das vogais altas e das vogais médias-altas. De acordo com o comportamento de cada vogal notou-se que as vogais precedentes [u] e [o] destacaram-se como favorecedores de [l].

---

<sup>9</sup> Nesse trabalho, Pinheiro (2009) considerou o [ʎ] e o [ɲ] como sendo apenas uma variante devido aos traços de proximidades que há entre ambas.

A variante [ø] foi a única que apresentou todas as ocorrências relacionadas ao contexto precedente [i], porém foram referentes a um único item (filho/filha). A partir dos valores expressos sobre a variante [ʎ], por ser a variante padrão, é favorecida pelas vogais [+arredondadas].

Os dados apresentados destacam o favorecimento de [ʎ] pelas vogais posteriores e centrais. Já as vogais frontais favorecem as variantes [y] e [I]. A variante [ø] apresenta comportamento próximo entre os contextos posteriores e central, porém os valores expressos pela tabela 19 confirmam o favorecimento de [y] pelas vogais altas e médias-baixas, que apresentam, respectivamente, pesos iguais a 0.60 e 0.66. Com relação ao contexto seguinte, as vogais que se destacam no favorecimento de [y] são [u], [ε].

A variante vocalizada apresenta porcentagens próximas de favorecimento entre a posição tônica e pós-tônica. Já a variante [I] mostra-se favorecida pela sílaba tônica, apresentando poucas ocorrências em posição pós-tônica e pré-tônica. A variante [ø] apresentou todas as suas ocorrências em contexto pós-tônico.

Quanto ao fator gênero, Pinheiro (2009) observou que as mulheres privilegiam a variante padrão, enquanto os homens apresentam uma maior utilização da variante vocalizada. O autor realizou uma comparação com resultados de outros estudos com comportamentos próximos, como em Soares (2002): preservação de [ʎ] pelas mulheres; e em Oliveira (1983): preferência da variante vocalizada pelos homens.

#### 3.2.4 Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG

Na tese de Santos (2012), *Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios- MG*, consideraram-se as duas variantes [ʎ] e [j]. Nesse estudo, houve, do total de 1328 dados, 1066 ocorrências da variante palatal (80,3%) e 263 ocorrências da variante vocalizada (19,7%).

A autora comparou sua amostra com a amostra anterior coletada também em Papagaios-MG, de Biscardi e Dogliani (2011), que incluía apenas 8 informantes e desconsiderando o fator idade, cujo resultado foi: a variável <ʎ> ocorreu 432 vezes; a variante [ʎ] ocorreu 324 vezes (75% dos dados) e a variante [j] ocorreu 108 vezes (25% dos dados).

Santos (2012) constatou que a variante [ʎ] sofreu um leve aumento de realização comparado à primeira pesquisa. Segundo a pesquisadora, isso pode ser atribuído a maior realização dessa variante entre a faixa etária mais jovem (20-40 anos), fator este que não foi incluído na primeira amostra.

No estudo de Santos (2012), a vogal precedente [ɔ] foi a que mais favoreceu a variante vocalizada, com 34,9% de frequência de [j] (embora tenha sido apenas 43 ocorrências), seguida pela vogal [ɛ], com 26,5%. A vogal [a] apresentou 25,9% de frequência de iotização e a vogal [u], 22,9%. A vogal seguinte que mais favoreceu a variante vocalizada foi a vogal [u], com 28,5%, seguida das vogais [ĩ], com 27,3%, e [ɛ], com 24,1%.

Santos (2012) mostrou que a realização [j] é favorecida, em relação ao fator vogal seguinte, por segmentos com as características [+alta] peso relativo de 0.75, e vogal seguinte [-arredondada] com peso relativo de 0.60. A autora sustenta que o favorecimento da vogal [-arredondada] é refletido pelo processo de assimilação. Quanto à tonicidade da sílaba, a autora constatou que a sílaba tônica e pós-tônica estão próximas da neutralidade (0.46 e 0.56), enquanto a sílaba pré-tônica desfavorece a realização [j] (0.24).

Os resultados de Santos (2012), em Papagaios, são semelhantes aos de Pinheiro (2009), em Belo Horizonte, visto que ambos os estudos apresentaram comportamento parecido no que tange à posição tônica e pós-tônica em relação à variante [j], e a sílaba pré-tônica que apresentou desfavorecimento em relação a essa variante.

A semelhança entre os resultados de Papagaios e Belo Horizonte levando-se em conta o fator escolaridade aponta para a semelhança de valor social da variante [j] nas duas comunidades – no caso, a variante é característica de grupos pouco escolarizados e desprestigiados socialmente.

Os resultados confirmam a hipótese de que os falantes menos escolarizados tendem a pronunciar mais [j] em relação aos falantes mais escolarizados e indicam que a variante pode ser estigmatizada na comunidade em questão.

Na comunidade de Belo Horizonte, Pinheiro (2009) também obteve favorecimento da variante [j] pelo grupo menos escolarizado (Ensino Fundamental completo ou incompleto) e desfavorecimento da mesma pelo grupo mais escolarizado (Ensino Superior completo ou incompleto). A faixa etária menos jovem (40-60) apresenta um favorecimento fraco (0.54) da variante [j], enquanto a faixa etária mais jovem (20-40) apresenta um desfavorecimento fraco da variante [j].

Os pesos relativos para o gênero masculino e feminino são iguais, no valor de 0.50 para cada um, o que parece confirmar a neutralidade dos gêneros em relação à variante vocalizada. A taxa de vocalização entre as mulheres de 20-40 é bem menor (7%) que a taxa de vocalização entre os homens da mesma faixa (26%), tendência que se inverte para a faixa etária 40-60, em que as mulheres apresentam maior taxa de [j] (29%) do que os homens

(17%). Quanto ao fator escolaridade, os indivíduos menos escolarizados tendem a apresentar a variante [j], o que aponta para a possível estigmatização da variante.

De acordo com Pinheiro (2009), o fator idade mostrou favorecimento leve da variante [j] pela faixa etária mais idosa (40-60), o que pode indicar 1) mudança em progresso e 2) extinção da variante [j] em Papagaios no futuro. A análise do autor permitiu apenas manter a hipótese de que a mudança esteja em progresso e a variante [j] esteja em processo de extinção na comunidade.

### 3.2.5 A despalatalização de / ʎ / no falar teresinense: uma análise sociolinguística

Silva e Carvalho (UESPI), no artigo intitulado *A despalatalização de / ʎ / no falar teresinense: uma análise sociolinguística*, realizaram uma pesquisa de campo com 12 informantes (sendo 06 mulheres e 06 homens) residentes em Teresina, com duas faixas etárias (25-49 anos e mais de 50 anos), considerando o nível de escolaridade analfabeto, fundamental e médio. O *corpus* se constituiu de 37 itens lexicais com a presença da lateral palatal, elaborado em estilo semi-monitorado junto a habitantes de alguns bairros da zona norte (Nova Brasília, Mafrense e Alto Alegre) da cidade de Teresina.

A coleta de dados foi processada por duas metodologias diferentes: 1º) a técnica de questionários para os alfabetizados (com 21 palavras); 2º) uma lista de figuras para informantes analfabetos (com 16 palavras). Os fatores selecionados como relevantes nessas rodadas foram: gênero/sexo, escolaridade, anterioridade/posterioridade da vogal seguinte e extensão da palavra.

Quanto aos fatores sociais, em seus resultados observaram que a variante “homem” apresenta 0.65 de peso relativo, sendo, portanto, mais favorável à despalatalização do que a variante “mulher” representada por 0.38 de peso relativo. A variável fator escolaridade mostrou-se favorável à despalatalização.

Quanto aos fatores estruturais, a variante “anterior”, correspondente às vogais anteriores “e” e “i”, registrou o maior peso relativo de 0.80, favorecendo a despalatalização. Baseados em Silva (2010), os autores assumem a hipótese de que a vogal anterior, encontrada logo após o fonema palatal (em nível de articulação) contribui para o enfraquecimento deste, uma vez que a língua (articulador ativo do fonema palatal) é impulsionada para frente, distanciando-se do palato duro (articulador passivo do fonema palatal).

Silva e Carvalho [s/d] verificaram que palavras formadas por mais de duas sílabas (três e quatro sílabas) são mais favoráveis à despalatalização do fonema /ʎ/ com um peso relativo de 0.59.

Retomando as ideias de Aguilera (1989), em estudos sobre o /ʎ/ na fala paranaense, os autores acreditam na hipótese de que quanto maior o vocábulo, por questão de esforço articulatorio, há maior suscetibilidade à iotização.

Nesse sentido, os autores concluíram que fenômenos como a despalatalização e suas outras evoluções, como a iotização, resultam da redução do esforço articulatorio, visto que as palavras curtas exigem menos esforço articulatorio do que as palavras com mais de três sílabas.

### 3.2.6 Variação na lateral palatal em falantes alagoanos: despalatalização e semivocalização

Santos (2018), em seu estudo sobre *A variação na lateral palatal em falantes alagoanos: despalatalização e semivocalização*, analisando o *corpus* constituído por entrevistas de 144 participantes, moradores de seis (6) cidades alagoanas, totalizados em 2574 dados, obteve a seguinte distribuição: 67% de manutenção da lateral palatal [ʎ], 16,6 % de iotização [j] e 16,4% de despalatalização [l]<sup>10</sup>.

Santos (2018) compara seu resultado, sobre iotização e manutenção da lateral palatal, com os registros de outros autores acerca dos mesmos fenômenos, como em: Madureira (1987-1997)[ʎ], com 86%, e [y], com 14%; Castro (2006)[ʎ], com 40%, e [y], com 60%; Soares(2008)[ʎ], com 59 %, [ly], com 33%, e [y], com 7%; Pinheiro (2009)[ʎ], com 70,6%, e [y], com 21,9%; Freire (2011) [ʎ], com 66,7%, [l], com 8,3%, e [y], com 16,8%; Santos (2012)[ʎ], com 80,3%, e [y], com 19,7%.

A autora concluiu que o comportamento dos falantes com relação ao uso das variantes de [ʎ] é relativamente similar, constatando que no português brasileiro há uma preferência pelo uso da variante [ʎ], com exceção de Castro (2006), que realizou sua pesquisa em uma comunidade de remanescentes quilombolas, cuja porcentagem de iotização foi superior a porcentagem de realização da lateral palatal.

Em seus resultados, a variante [l] é favorecida pelo traço [+coronal] da vogal que sucede a variante, como em “mulher” e “acolhimento” /ε, e, i/ (PR=0.66). Quanto ao contexto

---

<sup>10</sup> A autora desconsiderou o pronome *lhe* (produzido 41 vezes) devido à alta frequência desse item e à sua realização categórica como lateral alveolar.

anterior, a variante [l] é favorecida pelo traço [-coronal] da vogal que sucede a variante, como em “escolha”, “julho” e “olha” /a, ɔ, o, u/ (PR=0.55). A variante [l] também é favorecida pelas pessoas que possuem menos escolaridade (PR=0.55).

O processo de vocalização foi favorecido pelas pessoas de escolaridade mais baixa (PR=0.70). Os resultados expressos também indicaram que quanto maior a faixa etária, maior a utilização de [j]: entre 18 e 30 anos (PR=0,26); entre 40 e 55 anos (PR=0,56) e 65 ou mais (PR=0,79).

A variante [j] é favorecida pelo sexo/gênero masculino (PR=0.61) e desfavorecida pelo feminino (PR=0,39). A autora afirma que os resultados são pouco conclusivos para a variante [l], considerando as variáveis sexo/gênero e faixa etária, mas constata que [l] é favorecida entre homens adultos e desfavorecida entre mulheres adultas.

Para a variante [j], a autora concluiu que há um processo de mudança linguística em curso, com tendência ao desaparecimento da variante semivocalizada, pelo fato de que: o peso relativo para [j] entre os mais jovens é de 0,26; contra 0,56 na faixa etária intermediária e 0,69 entre os mais velhos).

Santos (2018) com base em seus resultados e de outros estudos realizados no Brasil (SOARES, 2008; FREIRE, 2011; SANTOS, 2012) afirma que a semivocalização é um processo socialmente estigmatizado, do qual é realizado, principalmente, pelos homens, idosos e pouco escolarizados, que tende ao desaparecimento.

Em síntese, Santos (2018) conclui que: a variante [j] não sofre interferência de nenhuma variável linguística, porém é favorecida por itens lexicais de frequência mais alta; a variante [l] não sofre interferência da frequência, mas é favorecida, principalmente, pelo contexto seguinte [-posterior] com (PR=0.66), o que, segundo a autora, caracteriza tal processo como um fonologicamente condicionado.

Este capítulo discorreu sobre algumas pesquisas já realizadas no Brasil acerca da lateral palatal /ʎ/ e suas variantes [l], [y] e [ø] à luz dos estudos da Sociolinguística Variacionista. O próximo capítulo mostra a realização dessas variantes no português falado pela comunidade quilombola Alto Alegre, bem como discute os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam esse uso.

## 4 A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DO FONEMA /ʎ/ NA COMUNIDADE QUILOMBOLA ALTO ALEGRE

Neste capítulo, é apresentada a metodologia de coleta de dados e, na sequência, a discussão da análise dos resultados referentes à lateral palatal /ʎ/ por meio da utilização do programa GOLDVARB X. O principal objetivo é analisar os fatores condicionadores que atuam sobre as ocorrências da variável na comunidade linguística.

### 4.1 METODOLOGIA

Os dados analisados nesta pesquisa foram coletados na comunidade quilombola de Alto Alegre-BA por meio do projeto de pesquisa *A coda silábica no português da comunidade quilombola de Alto Alegre-Ba: análise sociolinguística* em 2013, coordenado pelo professor Dr. Gredson dos Santos.

A comunidade de Alto Alegre fica localizada na zona rural da cidade Presidente Tancredo Neves, no Baixo Sul da Bahia. Alto Alegre, em 2008, foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como sendo uma comunidade remanescente de quilombo (ALMEIDA, 2016; SANTOS; ALMEIDA, 2017). Quanto à população se pode afirmar que:

Segundo o Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território Baixo Sul da Bahia, a comunidade tem cerca de 102 famílias que somam no total uma população de 378 habitantes. A comunidade, atualmente, vive da produção do cravo e de outros excedentes da produção agrícola que são comercializados no município (ALMEIDA, 2016, p. 47).

As entrevistas realizadas pelo projeto na comunidade seguiram a metodologia da sociolinguística variacionista, portanto os falantes que forneceram as entrevistas foram estratificados quanto ao sexo (feminino/masculino) e idade (faixa1: 20 a 40 anos; faixa2: 41 a 60 anos; na faixa3: acima de 60 anos).

#### 4.1.1 O *corpus*

A amostra analisada foi constituída de 12 entrevistas que ficou estratificada da seguinte forma:

<i>CORPUS</i>		
Faixa I	Faixa II	Faixa III
2 Mulheres	2 Mulheres	2 Mulheres
2 Homens	2 Homens	2 Homens

Para este estudo, foram analisadas as 50 primeiras ocorrências da lateral palatal nessas entrevistas, totalizando 600 dados, os quais foram analisados com o auxílio do programa computacional GoldVarbX.

A variável dependente estudada neste trabalho, indicada por /*ʎ*/, inclui as seguintes realizações: 1) iotização ([y]), como por exemplo, acontece na palavra *fo[y]a* (folha) 2) despalatalização ([l]), como acontece na palavra *mulé* (mulher); 3) apagamento, como por exemplo, *fi* (filho).

O trabalho teve como variantes independentes: extensão do vocábulo (considerou-se os dissílabos, trissílabos e polissílabos), tonicidade da sílaba (considerou-se a posição da variável na sílaba: *tônica* ou *átona*), vogal precedente, vogal seguinte, classe morfológica (considerou-se o *substantivo*, o *verbo* e o *adjetivo*), faixa etária e sexo/gênero do informante.

#### 4.1.2 As variantes no *corpus*

Após o processo de codificação dos dados no GOLDVARB X, as variantes ficaram distribuídas da seguinte forma:

**TABELA 1**  
Distribuição das variantes de /*ʎ*/ no *corpus*

<b>Variante</b>	<b>Nº/Total</b>	<b>%</b>
<b>Iotização</b>	186	31
<b>Despalatalização</b>	36	6
<b>Apagamento</b>	59	9,8
<b>Manutenção</b>	319	53,2
<b>Total</b>	600	100

Como é possível observar na tabela acima, a iotização correspondeu a 31% do total de ocorrências, a despalatalização somou 6%, o apagamento 9,8 % e a manutenção 53,2%.

Esse resultado é semelhante ao que têm apontado outros trabalhos, como Aguilera (1989); Brandão (2007); Pinheiro (2009); Ferreira (2011); Silva e Carvalho [s/d]. Diante dos resultados destacados, observa-se que Alto Alegre apresenta uma taxa de iotização consideravelmente alta se comparada aos trabalhos de Santos (2018), em que atingiu 16,6 %, e Santos (2012), em que as ocorrências chegaram a 19,7%. Por outro lado, tal resultado do fenômeno caminha em direção aos resultados dos seguintes pesquisadores: Brandão (2007), cujo resultado foi de 53% de iotização; Castro (2006), que apresentou um percentual de 60% para o mesmo fenômeno (trabalho realizado também em uma comunidade remanescente de quilombo); e Ferreira (2011), que também constatou a vocalização como a mais recorrente na realização da lateral palatal no falar da Região Sul do Brasil, com significativo percentual de 70,9%<sup>11</sup>.

Quanto ao processo de despalatalização, o resultado desta pesquisa, com porcentagem 6%, é semelhante ao resultado encontrado por Brandão (2007), com 5%. Porém é uma taxa consideravelmente baixa em relação aos resultados de Ferreira (2011), com 14,9%, e de Santos (2018) que superou mais que o dobro com 16,4%.

É necessário destacar que somados os três fenômenos não-padrão (iotização, despalatalização e apagamento), têm-se como resultado 281 ocorrências (46,8%), os quais se aproximam, consideravelmente, com os números de ocorrências da manutenção da palatal com 319, representando 53,2%. Esses resultados indicam que na comunidade o uso das variantes não prestigiadas socialmente tem um percentual próximo da variante prestigiada socialmente, embora esta variante seja, como na maioria dos estudos, predominante.

Nesse contexto, os dados acima permitem compreender que a comunidade está indo em direção ao que é considerado o padrão da língua.

#### 4.2 A IOTIZAÇÃO DE /ʎ/ NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE-BA

Para o fenômeno de iotização, o programa GoldVarb X considerou como favorecedores os fatores de ordem linguística: extensão do vocábulo, vogal antecedente e vogal seguinte; e os fatores de ordem social: faixa etária e sexo do informante, como expressos abaixo.

A tabela a seguir apresenta o número de ocorrências de iotização, considerando a extensão do vocábulo.

---

<sup>11</sup>O autor não especifica se o trabalho foi realizado no contexto urbano ou rural.

TABELA 2

A iotização de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à extensão do vocábulo

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Dissílabo</b>	<b>74/289</b>	<b>48,2</b>	<b>0,69<sup>12</sup></b>
Trissílabo	69/222	37	0,26
Polissílabo	43/89	14,8	0,44
Total	186/600	31	

*Input 0.119; Log likelihood = -241.441; Significance = 0.002*

Conforme mostrado na tabela acima, apenas os vocábulos de duas sílabas (como em *filha, milho, velho* etc.) favorecem o processo de iotização, enquanto os vocábulos de três sílabas ou mais (como em *trabalhando, debulhava, trabalhadeira* etc.) desfavorecem essa realização. Esses resultados apontam para uma diferença nos resultados de Silva e Carvalho [s/d], os quais verificaram que palavras formadas por mais de duas sílabas (três sílabas e quatro sílabas) são mais favoráveis à iotização do fonema /ʎ/, com peso relativo de 0.59; confirmando o que Aguilera (1989, p. 176) diz em estudos sobre a lateral palatal na fala paranaense:

[...] a ocorrência de fenômenos fonéticos do tipo da iotização do /ʎ/ deve ser creditada à tendência natural do falante em reduzir o esforço articulatório que a emissão de /ʎ/ exige, optando por articulações que se traduzem em menor trabalho dos órgãos fonadores e que produzem e que produzem no ouvinte um resultado satisfatório, isto é, não afetam a comunicação.

A hipótese mencionada acima é coerente, porém outros fatores como baixa escolaridade e faixa etária podem ter influenciados nos resultados obtidos na comunidade de Alto Alegre-BA, visto que os mesmos não seguiram essa tendência.

A tabela a seguir mostra a iotização quanto à característica da vogal antecedente à lateral palatal.

<sup>12</sup> Usou-se destaque *negrito* para indicar os fatores que favoreceram o fenômeno em questão, conforme o peso relativo (P.R.) informado pelo programa GoldVarb X. Segue esse padrão em todas as tabelas.

**TABELA 3**

A iotização de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à característica da vogal antecedente

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/a/	<b>112/231</b>	<b>48,5</b>	<b>0,92</b>
/e/	<b>9/21</b>	<b>42,9</b>	<b>0,89</b>
/o/	<b>14/32</b>	<b>43,8</b>	<b>0,76</b>
/ɔ/	<b>24/40</b>	<b>60</b>	<b>0,76</b>
/ɛ/	24/84	28,6	0,48
/u/	2/53	3,8	0,19
/i/	1/139	0,7	0,01
Total	186/600	31	

*Input 0.119; Log likelihood = -241.441; Significance = 0.002*

Como podemos observar na tabela acima, a vogal central baixa, com peso relativo de 0,92, a vogal anterior média fechada /e/, com peso relativo de 0,89, e as vogais posteriores médias /o/ e /ɔ/, ambas com pesos relativos de 0,76, são as que mais favorecem a mudança da consoante palatal para a semivogal /i/, sua concorrente, resultando em iotização ou semivocalização, como preferem alguns autores. Já quando a vogal anterior média aberta /ɛ/ e as vogais altas /i/ e /u/ antecedem a palatal /ʎ/ há um desfavorecimento em relação a esse processo, como em *filho, milho, trilha, colhia, mulher e mulherio*, de modo que a vogal anterior alta é a que mais desfavorece, com peso relativo de apenas 0,01; sendo nesse contexto mais provável o apagamento do traço palatal, como em *fiê fio*, ou a manutenção dele como em *filhota e milho*.

Esses resultados se aproximam da pesquisa de Aguilera (1988), cuja conclusão foi a seguinte: nos vocábulos em que a palatal é precedida da vogal alta / i / = ilha, milho, silhão, trilho, a manutenção da consoante palatal é de 58% para ilha e milho; a iotização em ilha (4%), de 20% em milho, 23% em silhão e 36% para trilho. Os resultados de Aguilera (1988) também confirmam a manutenção da palatal em 53% e de iotização em 36% dos casos quando / ʎ / é precedida da vogal / u /, como em *agulha e agulhinha*.

A tabela seguinte mostra a iotização de / ʎ / quanto à vogal seguinte.

**TABELA 4**

A iotização de /*ʎ*/ em Alto Alegre-BA quanto à *característica da vogal seguinte*

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
<i>/a/</i>	<b>120/266</b>	<b>45,1</b>	<b>0,61</b>
<i>/ɔ/</i>	3/50	6	0,48
<i>/u/</i>	22/135	16,3	0,38
<i>/e/</i>	2/25	8	0,27
<i>/ɛ/</i>	1/31	3,2	0,25
Total	148/507	29,2	

*Input 0.119; Log likelihood = -241.441; Significance = 0.002*

Como apresentado na *Tabela 4*, a vogal seguinte à palatal /*ʎ*/ que mais influencia a ocorrência de iotização corresponde à vogal central baixa, com peso relativo de 0,61. Em contrapartida, as vogais posteriores /*ɔ/* e /*u/*, com pesos relativos de 0,48 e 0,38 respectivamente, e as vogais anteriores médias /*e/* e /*ɛ/*, com pesos relativos de 0,27 e 0,25 respectivamente, tendem a desfavorecer a realização da variante em análise nesse mesmo ambiente.

A tabela seguinte mostra o processo de iotização quanto ao fator idade.

**TABELA 5**

A iotização de /*ʎ*/ em Alto Alegre-BA *quanto à faixa etária*

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
<b>I</b>	<b>67/200</b>	<b>33,5</b>	<b>0,60</b>
<b>II</b>	<b>69/200</b>	<b>34,5</b>	<b>0,58</b>
III	50/200	25	0,31
Total	186/600	31	

*Input 0.119; Log likelihood = -241.441; Significance = 0.002*

Observa-se na tabela acima que as faixas etárias I e II tendem a realizar mais o processo de iotização, com respectivos pesos relativos de 0,60 e 0,58. Por outro lado, a faixa etária I desfavorece essa realização. Os resultados encontrados em Santos (2012) são diferentes, uma vez que a faixa etária menos jovem (40-60) em seu estudo apresenta um

favorecimento fraco, enquanto a faixa etária mais jovem (20-40) desfavorece a variante [y]. A pesquisadora não considerou a faixa etária mais velha (mais de 60), o que nesta pesquisa foi relevante para o fenômeno iotização. De acordo com os dados de Pinheiro (2009), em Papagaios-MG, os falantes da faixa etária mais idosa (40-60) pela variante [y] e os falantes mais jovens dão preferência a variante [ʎ]. Segundo o autor, isso pode indicar que há um quadro de mudança em progresso. Brandão (2007) também constatou que a variante em questão está mais presente na fala dos indivíduos mais velhos (P.R. 0,64) do que na dos de meia idade (P.R.0,48) ou na dos mais jovens (P.R. 0,32).

Os resultados no que tange ao fator condicionador idade contrastam um pouco a hipótese levantada inicialmente neste trabalho, de modo que se esperava que as faixas II e III realizassem mais a iotização, enquanto a classe mais jovem manteria a realização da palatal.

Pode-se explicar o desfavorecimento da iotização na faixa etária II pelo fato de um dos informantes desta faixa possuir mais de 5 anos de escolarização; dentro do quadro de pessoas entrevistadas, apenas este informante apresentava esse tempo de escolarização. Portanto, acredita-se que a escolarização tem aproximado o falante da considerada norma prestigiada da língua, visto que ele quase não realizou iotização da palatal.

A tabela seguinte mostra a iotização conforme o sexo dos informantes.

**TABELA 6**

A iotização de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto ao *sexo do informante*

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Feminino</b>	<b>98/300</b>	<b>32,7</b>	<b>0,59</b>
Masculino	88/300	29,3	0,41
Total	186/600	31	

*Input 0.119; Log likelihood = -241.441; Significance = 0.002*

Observa-se na tabela acima que o programa indica que as mulheres tendem a favorecer mais a iotização, apresentando peso relativo de 0,59. Enquanto os homens, com peso relativo de 0,41, tendem a desfavorecer o fenômeno

Esses resultados contrapõem-se ao de Soares (2009), cujo estudo constatou que a variante semivocalizada [y] (abordada aqui como iotização) é a mais favorecida pelos homens (9%) e a menos favorecida pelas mulheres (6%). Na pesquisa de Santos (2012), os pesos relativos para o sexo masculino e feminino foram iguais, correspondendo a 0,50. Já em

Santos (2018), o sexo masculino favoreceu o fenômeno, com peso relativo de 0,61, enquanto o sexo feminino desfavoreceu com peso relativo de 0,39.

O fato de os resultados darem inversos a outras pesquisas, possivelmente seja implicado por algum fator que não esteja em questão neste trabalho, pois tanto mulher (P.R= 0,59) quanto homem (P.R= 0,41) utilizam a iotização, evidenciando, assim, que a variante em questão não se configura em caráter de desaparecimento por duas possíveis razões: 1) as faixas etárias I e II que correspondem aos mais jovens da comunidade (entre homem e mulher) favorecem a variante, como mostrado anteriormente; 2) o fato de os entrevistados (com exceção de um) não possuírem escolaridade também influencia no uso da variante estigmatizada.

#### 4.3 A DESPALATALIZAÇÃO DE /ʎ/ NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE-BA

Para a despalatalização, o programa GoldVarb X considerou como favorecedores apenas os fatores de ordem linguística: classificação morfológica, vogal antecedente e vogal seguinte, como expressos abaixo.

A tabela a seguir mostra a despalatalização quanto às classes de palavras.

**TABELA 7**

A despalatalização de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *classificação morfológica*

Classe Morfológica	Apl. / Total	%	P.R
<b>Adjetivo</b>	<b>4/67</b>	<b>6</b>	<b>0,69</b>
<b>Verbo</b>	<b>9/274</b>	<b>3,3</b>	<b>0,51</b>
Substantivo	23/259	8,9	0,42
Total	36/600	6	

*Input 0.417; Log likelihood = -44.726; Significance = 0.000*

A tabela acima mostra que a classe dos adjetivos é a que mais favorece o processo de despalatalização, com peso relativo de 0,69. Em seguida, o verbo, com peso relativo de 0,51 (próximo à neutralização), e, por último, a que desfavorece o fenômeno, com peso relativo de 0,42, o substantivo.

A tabela abaixo demonstra o fenômeno de despalatalização quanto à vogal antecedente à lateral palatal.

**TABELA 8**

A despalatalização de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *característica da vogal antecedente*

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
<b>/u/</b>	<b>29/53</b>	<b>54,7</b>	<b>0,73</b>
/o/	2/32	6,2	0,37
/ɛ/	5/84	6	0,38
Total	36/600	6	

*Input 0.417; Log likelihood = -44.726; Significance = 0.000*

Quanto ao segmento vocálico que antecede a palatal /ʎ/, a tabela acima demonstra que a vogal alta posterior foi a que mais favoreceu a despalatalização, com peso relativo de 0,73; em vocábulos como: *mulher* /muˈɛ/, *colher* /kuˈɛ/, *colhido*/kuˈlidu/. Por outro lado, não houve ocorrências com os segmentos /ɔ/, /a/, /i/, /e/ como relevantes quando precedidos da lateral palatal /ʎ/. Isso comprova, especificamente, a regularidade da variação linguística em casos como esse, visto que não seriam possíveis realizações como: *molado*\*<sup>3</sup> (molhado), *trabala*\* (trabalha), *fila*\* (filha), *orela*\* (orelha). Nesses exemplos, observa-se que: ou os vocábulos recebem outro significado ou eles não possuem significado, tornando-se incompreensíveis para qualquer falante do PB. Portanto, de qualquer modo não se constata variantes nesse caso. Santos (2018) observou, em seu trabalho, sobre variação na lateral palatal nos falantes alagoanos, que a vogal com traço menos coronal /a, ɔ, o, u/ favorece o fenômeno, com peso relativo de 0,55.

A tabela a seguir demonstra o fenômeno de despalatalização quanto à vogal seguinte à lateral palatal.

**TABELA 9**

A despalatalização de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *característica da vogal seguinte*

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/i/	<b>5/14</b>	<b>35,7</b>	<b>0,81</b>
/ɛ/	<b>23/31</b>	<b>74,2</b>	<b>0,63</b>
/e/	5/25	20	0,18
Total	33/542	6,1	

*Input 0.417; Log likelihood = -44.726; Significance = 0.000*

De acordo com as informações da tabela acima, percebe-se que a vogal alta anterior /i/, com peso relativo de 0,81, e a vogal anterior média aberta /ɛ/, com peso relativo de 0,63, favorecem a despalatalização quando sucedem a consoante palatal /ʎ/. Enquanto a vogal anterior média fechada /e/, com apenas 0,18 de peso relativo, desfavorece esse fenômeno, considerando o mesmo ambiente.

Esses resultados podem ser comparados com o trabalho de Silva e Carvalho sobre *A despalatalização de /ʎ/ no falar teresinense: uma análise sociolinguística* (UESPI), cujas vogais anteriores “e” e “i” corresponderam ao peso relativo de 0,80. Enquanto no trabalho supracitado as vogais anteriores foram favoráveis ao fenômeno; neste trabalho, apenas as vogais anteriores /i/ e /ɛ/ favoreceram a despalatalização.

Segundo Silva (2010), a vogal anterior (encontrada logo após o /ʎ/) contribui para o enfraquecimento da palatal, uma vez que a língua (articulador ativo do fonema palatal) é impulsionada para frente, distanciando-se do palato duro (articulador passivo do fonema palatal). Santos (2018), em seu trabalho sobre variação na lateral palatal nos falantes alagoanos, constatou que a vogal com traço mais coronal /ɛ, e, i/ que sucede a variante tende a favorecer a despalatalização, com peso relativo de 0,66, em vocábulos como “mulher” e “acolhimento”.

O programa GoldVarb X não confirmou a despalatalização no contexto em que a lateral palatal é seguida dos segmentos vocálicos: /ɔ/, /a/, /u/.

#### 4.4 O APAGAMENTO DE /ʎ/ NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE-BA

Para o apagamento, o programa GoldVarb X considerou como favorecedores apenas os fatores: classificação morfológica, tonicidade da sílaba, vogal antecedente e vogal seguinte, como apresentados abaixo.

**TABELA 10**

O apagamento de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *extensão do vocábulo*

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Dissílabo</b>	<b>53/289</b>	<b>18,3</b>	<b>0,60</b>
Trissílabo	6/222	2,7	0,36
Total	59/511	11,5	

*Input 0.056; Log likelihood = -79.287; Significance = 0.002*

A tabela acima mostra que os vocábulos com extensão de duas sílabas tendem a favorecer o apagamento da lateral palatal /ʎ/, com peso relativo de 0,60, como em *filho ~ fioou fi, velha ~ véa, melhor ~ mio*; lembrando que o mesmo também influenciou no processo de iotização mostrado anteriormente. Os vocábulos trissílabos, por sua vez, desfavorecem esse apagamento, com peso relativo de 0,36; já os vocábulos com quatro ou mais sílabas não foram considerados relevantes pelo GoldVarb X. Isso contraria um pouco outras pesquisas que consideram que quanto maior o vocábulo, mais propício será o seu apagamento.

**TABELA 11**

O apagamento de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *classificação morfológica*

Classe Morfológica	Apl. / Total	%	P.R
<b>Substantivo</b>	<b>55/259</b>	<b>21,2</b>	<b>0,67</b>
Verbo	2/274	0,7	0,41
Adjetivo	2/67	3	0,20
Total	59/600	9,8	

*Input 0.056; Log likelihood = -79.287; Significance = 0.002*

Quanto à classificação morfológica das palavras, considerando neste trabalho o *substantivo*, o *verbo* e o *adjetivo* (Tabela 11), a classe que mais se mostrou favorável ao apagamento do /ʎ/ foi a dos substantivos, com peso relativo de 0,67. A classe que mais desfavoreceu diz respeito aos adjetivos, com peso relativo de 0,20.

**TABELA 12**

O apagamento de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *tonicidade da sílaba*

Tonicidade da Sílaba	Apl. / Total	%	P.R
<b>Átona</b>	<b>57/378</b>	<b>15,1</b>	<b>0,69</b>
Tônica	2/222	0,9	0,20
Total	59/600	9,8	

*Input 0.056; Log likelihood = -79.287; Significance = 0.002*

A tabela acima mostra que as sílabas átonas favorecem o apagamento, com peso relativo de 0,69; como em *velha* (véa), *orelha* (orea), *filha* (fia), *milho* (mi), *filho* (fi), nas quais o /ʎ/ encontra-se em sílaba átona. O resultado confirma a hipótese levantada neste trabalho de que as sílabas átonas são mais suscetíveis à ocorrência de variação do que as sílabas tônicas. Isso ocorre porque as sílabas átonas, pela sua natureza de enfraquecimento, tendem a influenciar na exclusão dos segmentos que, nesse caso, é especificamente o /ʎ/, permitindo que ocorra a variação.

**TABELA 13**

O apagamento de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *característica da vogal antecedente*

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
<b>/i/</b>	<b>49/139</b>	<b>35,3</b>	<b>0,65</b>
<b>/e/</b>	<b>4/21</b>	<b>19</b>	<b>0,55</b>
/ɛ/	6/84	7,1	0,24
Total	59/244	24,2	

*Input 0.056; Log likelihood = -79.287; Significance = 0.002*

Como é possível notar na tabela acima, a vogal anterior alta /i/ e a vogal anterior média fechada /e/ quando precedidas da palatal /ʎ/, são as que mais favorecem o apagamento, com peso relativo de 0,65 e 0,55 respectivamente, em vocábulos como *filho* ~

*fi* ou *fio*, *milho* ~ *mi*, *filha* ~ *fia*, *vermelha* ~ *vermea*, *orelha* ~ *orea*. O apagamento não é quando /  $\lambda$  / for precedido da vogal anterior média aberta / $\epsilon$ /, com peso relativo de 0,24. Esse resultado é semelhante ao resultado de Brandão (2007), em que a vogal alta [i] influenciou o apagamento de 21 casos em todo o *corpus*, como em *milho* (miu), *filho* (fiu).

**TABELA 14**

O apagamento de /  $\lambda$  / em Alto Alegre-BA quanto à *característica da vogal seguinte*

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
/ɔ/	<b>8/50</b>	<b>16</b>	<b>0,78</b>
/a/	<b>29/266</b>	<b>10,9</b>	<b>0,73</b>
/o/	<b>2/21</b>	<b>9,5</b>	<b>0,70</b>
/u/	3/135	2,2	0,06
Total	42/472	8,9	

*Input 0.056; Log likelihood = -79.287; Significance = 0.002*

A tabela acima mostra que as vogais que favorecem o apagamento da palatal /  $\lambda$  /, são: a posterior média aberta / $\text{ɔ}$ /, com peso relativo de 0,78, a central baixa / $\text{a}$ /, com peso relativo de 0,73, e a posterior média fechada, com peso relativo de 0,70. A vogal posterior alta / $\text{u}$ /, com peso relativo de 0,06, é a que desfavorece quanto ao apagamento de /  $\lambda$  /.

#### 4.5 MANUTENÇÃO DA LATERAL PALATAL / $\lambda$ / NA COMUNIDADE DE ALTO ALEGRE-BA

Para a manutenção da lateral palatal /  $\lambda$  /, o programa GoldVarb X considerou como favorecedores os fatores linguísticos: extensão do vocábulo, tonicidade da sílaba, vogal antecedente e vogal seguinte, e os fatores extralinguísticos: faixa etária e gênero, como apresentados abaixo. A tabela seguir mostra a realização da lateral palatal quanto à extensão do vocábulo.

TABELA 15

A manutenção de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *extensão do vocábulo*

Extensão do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Trissílabo</b>	<b>141/222</b>	<b>63,5</b>	<b>0,65</b>
<b>Polissílabo</b>	<b>44/89</b>	<b>49,4</b>	<b>0,54</b>
Dissílabo	143/289	46,4	0,36
Total	319/600	53,2	

*Input 0.602; Log likelihood = -300.396; Significance = 0.008*

Conforme mostrado na tabela acima, os vocábulos trissílabos, com peso relativo de 0,65, seguidos dos vocábulos polissílabos, com peso relativo de 0,54, são os que mais favorecem a manutenção da lateral palatal. Já as palavras com duas sílabas, com peso relativo de 0,36, tendem a desfavorecer essa realização. Os monossílabos não foram considerados relevantes nesta pesquisa, visto que só há nesse contexto ocorrência de /ʎ/ no pronome oblíquo *lhe* e em alguns empréstimos do espanhol, o que justifica a não inserção.

TABELA 16

A manutenção de /ʎ/ em Alto Alegre-BA quanto à *tonicidade da sílaba*

Tonicidade da sílaba	Apl. / Total	%	P.R
<b>Tônica</b>	<b>116/222</b>	<b>53,5</b>	<b>0,53</b>
Átona	203/378	53,7	0,47
Total	319/600	53,2	

*Input 0.602; Log likelihood = -300.396; Significance = 0.008*

A *Tabela 16* indica que quando /ʎ/ encontra-se em sílabas tônicas há mais favorecimento para a manutenção da lateral palatal, cujo peso relativo é de 0,53. Já o contexto em que o /ʎ/ aparece em sílabas átonas desfavorece essa realização, implicando em caso de variação linguística, podendo ocorrer despalatalização, iotização ou apagamento.

**TABELA 17**

A manutenção de /*ʎ*/ em Alto Alegre-BA quanto à *característica da vogal antecedente*

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
<i>/i/</i>	<b>89/139</b>	<b>64</b>	<b>0,72</b>
<i>/ɛ/</i>	<b>49/89</b>	<b>59,3</b>	<b>0,68</b>
<i>/u/</i>	<b>22/53</b>	<b>41,5</b>	<b>0,62</b>
<i>/ɔ/</i>	<b>16/40</b>	<b>40</b>	<b>0,55</b>
<i>/o/</i>	16/32	50	0,44
<i>/a/</i>	119/231	51,5	0,29
<i>/e/</i>	8/21	38,1	0,21
Total	319/600	53,2	

*Input 0.602; Log likelihood = -300.396; Significance = 0.008*

A tabela acima mostra que as vogais que mais favorecem a manutenção da lateral palatal no contexto precedente à variável são: a vogal anterior alta */i/*, com peso relativo de 0,72, a vogal anterior média aberta */ɛ/*, com peso relativo de 0,68, a vogal posterior alta */u/*, com peso relativo de 0,62, e a vogal posterior média aberta */ɔ/*, com peso relativo de 0,55. Quanto às vogais que desfavorecem, apresentam-se: a vogal posterior média */o/* com peso relativo de 0,44; a vogal central */a/*, com peso relativo de 0,29; e a vogal anterior média */e/*, com menor peso relativo de 0,21.

**TABELA 18**

A manutenção de /*ʎ*/ em Alto Alegre-BA quanto à *característica da vogal seguinte*

Tipo de vogal	Apl. / Total	%	P.R
<i>/o/</i>	<b>19/21</b>	<b>90,5</b>	<b>0,78</b>
<i>/u/</i>	<b>110/135</b>	<b>81,5</b>	<b>0,76</b>
<i>/e/</i>	<b>18/25</b>	<b>72,0</b>	<b>0,54</b>
<i>/ɔ/</i>	39/50	78,0	0,47
<i>/a/</i>	117/266	44,0	0,38
<i>/i/</i>	9/14	64,3	0,38
<i>/ɛ/</i>	7/31	22,6	0,15
Total	319/542	58,9	

*Input 0.602; Log likelihood = -300.396; Significance = 0.008*

Quanto ao contexto seguinte a variável /*ʎ*/, a tabela acima indica que são favoráveis à realização da lateral palatal: a vogal posterior média fechada, com peso relativo de 0,78, a vogal anterior alta, com peso relativo de 0,76, e a vogal anterior média fechada, com peso relativo de 0,54. Já as vogais /*ɔ*, *a*, *i*, *ɛ*/ tendem a desfavorecer o fenômeno. Isso mostra a sistematicidade da variação linguística, que anteriormente discutimos, pois se percebem, nesse caso, que o favorecimento dessa variante também se dá a partir de aspectos estruturais.

**TABELA 19**

A manutenção de /*ʎ*/ em Alto Alegre-BA quanto ao *sexo do informante*

Sexo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Masculino</b>	<b>175/300</b>	<b>58,3</b>	<b>0,57</b>
Feminino	144/300	48	0,42
Total	319/600	53,2	

*Input 0.602; Log likelihood = -300.396; Significance = 0.008*

A tabela acima mostra que os homens tendem a favorecer a manutenção da palatal /*ʎ*/, com peso relativo de 0,57. Enquanto as mulheres, com peso relativo de 0,42, tendem a desfavorecer esse fenômeno. Observa-se que esses resultados são também favorecidos por questões de ordem social, visto que há diferenças entre o falar do gênero masculino e feminino. Em algumas comunidades, o resultado pode ser oposto, porque o uso de uma língua não só depende do contexto linguístico, mas também do contexto social onde cada indivíduo está inserido.

**TABELA 20**

A manutenção de /*ʎ*/ em Alto Alegre-BA quanto à *faixa etária*

Faixa etária	Apl. / Total	%	P.R
II	139/200	69,5	<b>0,69</b>
I	108/200	54	0,41
III	72/200	36	0,38
Total	319/600	53,2	

*Input 0.602; Log likelihood = -300.396; Significance = 0.008*

A tabela acima mostra que a faixa etária II tende a favorecer a realização da lateral palatal, com peso relativo de 0,69. Já as faixas etárias I e III desfavorecem esse processo.

Nos resultados apontados até aqui, percebe-se que os falantes da faixa etária II são os que mais usam a variante considerada padrão (69,5%), seguido pelos falantes da faixa etária I (54%). Como já citado anteriormente, dos falantes entrevistados apenas um possuía escolaridade e acredita-se, portanto, que a escolaridade proporcionou a este falante a aquisição lateral da palatal, fazendo com que esse falante quase não faça uso das variantes consideradas não-padrão.

Nesse contexto, observar-se-á que o acesso à escolarização implica o uso de variantes prestigiadas, o que se aproxima da norma-padrão, enquanto aqueles falantes que não tiveram acesso à educação farão uso das variantes socialmente estigmatizadas. É também por essas diferenças sociais que a variação acontece, demonstrando que fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o caráter heterogêneo que a língua possui.

Vale destacar que as pessoas mais idosas (a partir de 60 anos) da comunidade de Alto Alegre não usam muito a realização da lateral palatal, o que evidencia uma mudança em tempo aparente, já que a geração mais jovem usa com maior frequência essa variante. Esses resultados comprovam a correlação entre elementos de ordem linguística e social, demonstrando que a variação é regular e sistemática.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou a variável /ʎ/ e suas variantes [l], [y] e [ø] no português falado pela comunidade de Alto Alegre, e ao mesmo tempo, investigou quais fatores sociais e estruturais condicionam a realização das variantes no *corpus* extraído da comunidade quilombola Alto Alegre.

Esta pesquisa pautou-se nos princípios teóricos da Sociolinguística variacionista, conhecida também como teoria laboviana, uma corrente que estuda a variação linguística considerando a correlação entre elementos de ordem linguística e social, entendendo, portanto, a variação como fenômeno regular, sistemático e, sobretudo, inerente à própria língua.

O trabalho analisou o comportamento da lateral palatal no português falado na comunidade quilombola Alto Alegre e constatou que essa variável se realiza de 4 (quatro) maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, condicionadas por fatores de natureza estrutural e social, como admite a variação. Considerou-se neste trabalho: o fenômeno de iotização (trabalho ~ trabaio), a despalatalização (mulher ~ muler), o apagamento da palatal (filho ~ fi) e a manutenção da palatal (filhota), a fim de verificar qual variante predomina na comunidade, sendo a norma prestigiada.

Os resultados demonstraram números significativos, sobretudo do fenômeno de iotização, o qual atingiu a porcentagem de 31 % do total dos dados, ficando em segundo lugar após a manutenção da palatal, com 53 % de realizações, o que se conclui que a comunidade utiliza a norma socialmente prestigiada. Porém a variante semivogal apresenta uma porcentagem relevante comparada à despalatalização e o apagamento. Ao todo, nota-se que as variantes estigmatizadas, em soma, apresentam, significativamente, um percentual aproximado da norma padrão, resultando em 46,8% contra 53,2%, constatando uma diferença de apenas 6,4%.<sup>13</sup> Esse resultado indica que a comunidade de fala ainda mantém a norma linguística das pessoas mais velhas, embora ainda se utilize muito a norma prestigiada (manutenção da lateral palatal).

Com esses resultados, pode-se afirmar que a comunidade de Alto Alegre caminha em direção à norma de maior prestígio social, mas também mantém o uso de variantes que, de acordo com os dados, não nos permitem ainda falar de uma mudança em progresso. Uma

---

<sup>13</sup> Realizou-se essa soma comparativa para entender de modo geral, com que frequência as variantes estigmatizadas (iotização, despalatalização e apagamento) ocorrem na comunidade.

possível hipótese para explicar a baixa porcentagem de despalatalização (6%) é a de que itens lexicais influenciaram no desfavorecimento da variante [l], uma vez que o próprio contexto da comunidade propiciou um número significativo de vocábulos os quais fonologicamente impossibilitam a ocorrência do fenômeno, isso explica os limites do sistema linguístico. Como exemplos, verificou-se nos seguintes itens: *trabalho*<sup>14</sup> (*trabalo\**), *trabalhar* (*trabalar\**), *trabalhando* (*trabalando*), *filho* (*filo\**), *filha* (*fila\**), *molhado* (*molado\**), *folha* (*fol\**), *palha* (*pala\**), *vermelha* (*vermela*), *velho* (*velo\**) *milho* (*milo\**) etc. Observa-se que ocorrências como essas resultam de se realizar uma *forma* que não faz parte do léxico da língua ou uma *forma* que pertence a uma semântica diferente, o que implica a não ocorrência de variação linguística. Não obstante, ocorrências como essas favorecem os fenômenos de iotização e apagamento, mas não a despalatalização.

Quanto aos fatores estruturais, verificou-se que iotização foi favorecida por vocábulos dissílabos, as vogais /a/ (0,92) /e/ (0,89) e /o/ (0,76) favoreceram no contexto antecedente, enquanto a vogal central /a/ foi favorecedora no contexto seguinte, com peso relativo de 0,61.

Já a despalatalização<sup>15</sup> foi favorecida pela vogal antecedente /u/ no contexto antecedente com peso relativo de 0,73. Quanto à vogal seguinte, /i/ (0,81) e /ε/ (0,63) favoreceram o fenômeno. A classe morfológica *adjetivo* e *verbo* também favoreceram, respectivamente, com peso relativo 0,69 e 0,51.

Verificou-se que o apagamento<sup>16</sup> foi influenciado pelos vocábulos dissílabos (0,60), pela classe morfológica *substantivo* (0,67), pela sílaba átona (0,79) e pelas vogais antecedentes /i/ e /e/, vogais seguintes /ɔ/, /a/ e /o/.

A manutenção da lateral palatal foi favorecida pelos *dissílabos* e *trissílabos*, e também pela sílaba tônica, o que comprova a hipótese de que a sílaba tônica tende a ser menos sensível ao apagamento ou a troca de variantes. As vogais antecedentes /i/, /e/ e as vogais seguintes /ɔ/, /a/, /o/ também se mostraram favoráveis ao fenômeno.

Quanto aos fatores sociais, constatou-se que a faixa etária I (0,60) e III (0,58) foram favoráveis à iotização; quanto ao gênero, as mulheres (0,59) favoreceram mais que os homens. Já a manutenção da lateral palatal foi favorecida pelos homens e pela faixa etária II.

Em vista dos resultados destacados, pode se confirmar que existe, por um lado, na comunidade quilombola de Alto Alegre uma escolha pela norma socialmente prestigiada,

<sup>14</sup> Foi um dos vocábulos com maior ocorrência no *corpus*.

<sup>15</sup> O GoldVard X não julgou os fatores sociais como relevantes para esse fenômeno.

<sup>16</sup> O GoldVard X também não julgou os fatores sociais como relevantes para esse fenômeno.

que é a manutenção da lateral palatal, e por outro, um número expressivo das variantes estigmatizadas, sobretudo da variante /y/, cujo fenômeno diz respeito à iotização.

Os resultados obtidos nesta pesquisa sobre a variável /ʎ/ e suas variantes [l], [y] e [ø] em Alto Alegre-BA confirmam as concepções adotadas pelos estudos sociolinguísticos e contribuem para compreender a língua não como uma estrutura fixa e acabada, mas como uma estrutura variável e, sobretudo, sistemática; suscetível, portanto, aos processos de construção e reconstrução do fenômeno linguístico.

## ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
COLEGIADO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA  
Av. Nestor de Melo Pita, nº 535  
Centro - Amargosa - BA. CEP: 45300-000.  
Tel.: 0\*\* 75 3634-3418 / 2452. E-mail: cfp.ccgpe@ufrb.edu.br



### Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o VALNEI CARDOSO DE JESUS.

Aos dezessete dias do mês de julho do ano de dois mil e dezenove, às dezenove horas, na sala dois do Módulos Habitáveis do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se a/o Professora/o **ADRIANA DALLA VECCHIA**, na qualidade de orientadora/o e Presidente da Banca de TCC, a/o Professora/o **AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA** e a/o Professora/o **JAQUELINE BARRETO LÉ**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Uma análise sociolinguística das variantes da lateral palatal /N/ no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre-BA*, de autoria da/o discente **VALNEI CARDOSO DE JESUS**, do Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa. Após a apresentação pela/o autora/o e as considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,5 (nove vírgula cinco)

Professor (a): **ADRIANA DALLA VECCHIA**

Assinatura Adriana Dalla Vecchia

Nota: 9,5 (nove vírgula cinco)

Professor (a): **AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA**

Assinatura Ayane Nazarela Santos de Almeida

Nota: 9,5 (nove vírgula cinco)

Professor (a): **JAQUELINE BARRETO LÉ**

Assinatura Jaqueline Barreto Lé

Nota: \_\_\_\_\_

Professor (a): \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

A/o discente **VALNEI CARDOSO DE JESUS** foi **APROVADA/O** com a média 9,5 (nove vírgula cinco).

Amargosa/ BA, 17 de julho de 2019.

**ADRIANA DALLA VECCHIA**  
Presidente da Banca de TCC

Av. Nestor de Melo Pita, 535, Centro - Amargosa/BA  
CEP: 45.300-000 \* Tel: (75) 3634-3184/3703

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **O fonema /ʎ/: realizações fonéticas, descrição e a sua comprovação na fala popular paranaense.** Departamento de Letras/CCH – Universidade Estadual de Londrina – UEL, [s/d].

ALMEIDA, Jailma da Guarda. **Uma análise sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola Alto Alegre-Ba.** 96 f. il. 2016. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-Ba, 2016. 95 p.

ALMEIDA, Jailma da Guarda. SANTOS, Gredson dos. **O ditongo decrescente <EI> no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre.** Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 10, n.1, p. 239-252, 2017.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística – parte I. *In:* MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 23-46.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza.** UFC – Universidade Federal do Ceará, [s/d]. 08 p.

BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso** – Por uma pedagogia da variação linguística. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Português ou Brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico.** 56ª edição revista e ampliada. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 352 p.

BELINE, Ronald. **A variação Linguística.** *In:* FIORIN, J. L. Introdução à linguística. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002. 10 p.

BENVENISTE, É. (1963-2005). **Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística.** *In* É. Benveniste. Problemas de Linguística Geral I (5a ed., p. 19-33). Campinas, SP: Pontes. BORTONI-RICARDO, Stella Maris, 1945-. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais/** Stella Maris Bortoni-Ricardo; tradução Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, e agora? : sociolinguística & educação/** Stella Maris Bortoni-Ricardo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos/** Francisco da Silva Borba. Campinas. SP: Pontes Editores, 16ª edição – 2008.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Um estudo variacionista sobre a lateral palatal.** – URRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, setembro, 2007.

BRIGHT, W. (org.), **Sociolinguistics. Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference.** Haia, Paris: Mouton, 1966.

CALVET, Jean-Louis. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo : Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística – parte II. *In:* MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 51-80.

CARUSO, Pedro. **A iotização do /-lh-/ segundo o Atlas prévio dos falares baianos.** Departamento de Linguística – Instituto de Letras, História e Psicologia – UNESP. – São Paulo: Alfa, 1983.

CARVALHO, Lucirene da Silva. SILVA, Lélia Ramires de Oliveira. **A despalatalização de /ʎ/ no falar teresinense: uma análise sociolinguística.** UESPI, [s/d].

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos.** Rio de Janeiro: Presença, 1979.

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. *In:* BAGNO, M. (Org). **Linguística da Norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

FERREIRA, Milena Machado. **A variação da lateral palatal segundo transcrição do banco de dados varsul.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística.** – São Paulo: Contexto, 2002.

LABOV, William. **Sociolinguistique.** Paris: Éd. de Minuit, 1976.

\_\_\_\_\_. **Principios del cambio lingüístico: factores internos** (tomo 1). Madrid: Gredos, (1996 [1994])

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. – São Paulo : Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. BAXTER, Alan. **Processos de crioulização na história sociolinguística do Brasil**. *In: Quinhentos anos de história linguística do Brasil./Suzana Alice Marcelino Cardoso, Jacyra Andrade Mota, Rosa Virgínia Mattos e Silva, organizadoras.* – Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. 165-212 p.

MEILLET, Antoine. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.

MOLLICA, Maria Cecília (org). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação/ Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (orgs)** 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

PERINI, Mário A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PINHEIRO, Neffer Luiza de Aguiar. **O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte**. Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

SANTOS, Karoline Biscardi. **Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios – MG** [manuscrito]/ Karoline Biscardi Santos. – 2012.

SANTOS, Selma Cruz. **Variação na lateral palatal em falares alagoanos: despalatalização e semivocalização/ Selma Cruz Santos**. – Maceió, 2018.

SHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas/ Rosa Virgínia Mattos e Silva**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. A generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. *In: Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro: Parábola, 2004. 91-108 p.*

\_\_\_\_\_. Fatores sócio-históricos condicionantes na formação do português brasileiro. *In: Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro: Parábola, 2004. 121-154 p.*

SILVA, Thaís Cristófaró. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios/** Thaís Cristófaró Silva. – 11. ed. – São Paulo: Contexto, 2017. 288 p.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **Aspectos fonéticos, fonológicos e sociolinguísticos das palatais lateral e nasal.** Rev. de Letras – Vol. 30-1/4-jan. 2010/dez 2011.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2005.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações. Um estudo sociofuncionalista.** Florianópolis, SC, 2003.

WEINREICH, Uriel – LABOV, William – HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].